

Jornada ao Mundo da Edição com a Divina Comédia

Cláudia Vasconcelos Duarte

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Nota: Cláudia Vasconcelos Duarte, Jornada ao
Mundo da Edição com a Divina Comédia, 2014
- encadernação térmica -

Abril de 2014

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação
científica do

Professor Doutor Fernando Cabral Martins,

Professor Associado com Agregação do Departamento de Estudos Portugueses da
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, um muito obrigada a toda a equipa da Divina Comédia, sem a qual esta experiência não teria sido o que foi. Quero agradecer especialmente a Paula Caetano pelo exemplo e pela orientação, e à queridíssima Leonor Branco pela simpatia e prestabilidade.

Como não poderia deixar de ser, reservo também um agradecimento especial ao Professor Fernando Cabral Martins pela ajuda na obtenção no estágio e pelo cuidado e paciência.

Agradeço seguidamente aos meus pais, cujo apoio incansável é a minha principal força motriz.

Obrigada ainda aos meus melhores amigos, que se foram mostrando sempre atentos e interessados: Pedro e Catarina.

E agora ao meu terno Hugo, que era impossível não estar aqui: obrigada pelo acompanhamento inestimável.

Jornada ao Mundo da Edição com a Divina Comédia

RESUMO

Este relatório de estágio tem como objectivo descrever as actividades realizadas ao longo dos quatro meses de estágio na editora portuguesa Divina Comédia, para conclusão do Mestrado em Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Nova de Lisboa.

Decidi cobrir três tópicos em particular: a caracterização da editora em que estagiei, os trabalhos desenvolvidos na área da revisão (tarefa que me acompanhou mais que qualquer outra durante o cumprimento do estágio), e, embora muito brevemente, os restantes afazeres de apoio à Divina Comédia.

Expus também algumas reflexões e observações concernentes a vários pontos da minha experiência, dos quais resultaram.

PALAVRAS-CHAVE: Edição de texto, estágio, revisão, Divina Comédia

Journey into the World of Edition with *Divina Comédia*

ABSTRACT

This internship report intends to describe the activities carried out during my four-month internship in the Portuguese publishing house Divina Comédia, for completion of the Master's in Text Editing of the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, in Universidade Nova de Lisboa.

I decided to cover three topics in particular: the characterization of the publishing house I interned at, the work I did in terms of proofreading (the one duty that stayed with me throughout my observance of the internship, more than any other), and, though only so briefly, the remaining tasks in support of Divina Comédia.

I also exposed some reflections and observations concerning several points of my experience, of which they resulted.

KEYWORDS: Text editing, internship, proofreading, *Divina Comédia*

ÍNDICE

Introdução	1
a) Informações gerais sobre o relatório	1
b) À caça do estágio perfeito	2
1. A editora: descobrindo e compreendendo a Divina Comédia	4
1.1. Introdução	4
1.2. O catálogo e a segunda chancela	5
1.3. As instalações e o plano alternativo de actividades culturais	8
1.4. O <i>outsourcing</i>	9
1.5. Planos para o futuro	9
1.6. Outras informações	11
2. A revisão: teoria, prática e reflexão	12
2.1. Revisão em português	12
2.1.1. Conceitos teóricos	12
2.1.1.1. Introdução	12
2.1.1.2. As etapas do processo de revisão «simples»	13
2.1.2. Prática e reflexão	16
2.2. Revisão de tradução	24
2.2.1. Conceitos teóricos	24
2.2.2. Prática e reflexão	27
3. Trabalho desenvolvido noutros campos	30
Conclusão	34
Bibliografia	35
Anexos	36

INTRODUÇÃO

a) Informações gerais sobre o relatório

O presente relatório tem como objectivo apresentar as actividades realizadas na Divina Comédia Editores ao longo dos quatro meses de estágio curricular em que me dediquei à referida instituição para cumprimento da modalidade não lectiva do mestrado em Edição de Texto. O período de estágio compreendeu os meses de Setembro de 2013 a Janeiro de 2014, distribuindo-se por um expediente total de cinco horas diárias. Em suma, 400 horas de muito trabalho, muito aprendizado e muito enriquecimento pessoal, pelo que é incumbência minha documentar toda esta experiência enquanto componente didáctica do mestrado subordinante, mostrando de que forma procedi à aplicação, consolidação e desenvolvido dos conhecimentos adquiridos nas unidades curriculares, assim como depois reflectidos no trabalho empreendido e decorrentes reflexões.

Em primeiro lugar, realizei a caracterização da editora em todos os seus elementos, secção onde me alonguei particularmente de maneira a espelhar o meu próprio interesse em deslindar o funcionamento de uma tal instituição — a modos que o «pote de ouro ao final do arco-íris» para qualquer mestrando do presente curso.

Em seguida, sagra-se a revisão como grande protagonista deste relatório, a minha principal área de actuação na Divina Comédia. Previamente inexperiente, foi graças ao estágio que tomei real conhecimento das problemáticas envolvidas, consolidando a teoria de que até então tinha apenas uma noção relativamente superficial. Como tal, decidi explanar tanto os conhecimentos adquiridos, como algumas das situações em que os pus em prática, oferecendo uma perspectiva razoavelmente completa da revisora em que me tornei. Foquei simplesmente alguns dos projectos mais interessantes e representativos em detrimento de uma cobertura exaustiva, por considerar que tal se tornaria repetitivo e redundante. Na impossibilidade de destilar três meses de trabalho em «meia dúzia de páginas», decidi simplesmente apresentar uma imagem geral tão rigorosa quanto possível.

Na parte final, realizo ainda uma espécie de *overview* sobre o trabalho de expediente geral que desempenhei na editora, tal como venda de livros e participação em *brainstormings*.

b) À caça do estágio perfeito

Finda a componente não lectiva do mestrado em Edição de Texto, a escolha para a fase seguinte pareceu-me desde logo por demais óbvia: estágio com relatório. Sem desmérito para as opções de dissertação e trabalho de projecto, concluí que, se era num contexto profissional que eu me pretendia inserir no futuro, e considerando que ainda não possuía qualquer experiência nesta indústria (agravado pelo facto de a minha formação base ser numa área diferente), só essa via fazia sentido. Mais do que um instrumento para concluir o curso, seria também uma forma de me por à prova, enriquecer o meu currículo, ganhar traquejo, travar conhecimento com profissionais, continuar a aprender — agora num contexto «real» — e, por tudo isso, aumentar as minhas perspectivas de empregabilidade (pelo menos hipoteticamente).

Como tal, concebi uma lista com as editoras do meu interesse e delineei a minha abordagem. Embora, por necessidade, me mantivesse flexível e adaptável, tinha preferência pelas seguintes características:

- Em primeiro lugar, editoras de porte pequeno. De modo geral, são mais transparentes, mais dinâmicas, mais «desenrascadas» e mais próximas nas relações interpessoais. À falta de recursos financeiros e tecnológicos (os chamados «deep pockets»), compensam na criatividade e na polivalência dos funcionários. Nessa qualidade, enquanto aprendiz, esperava poder observar mais de perto os *ins* e *outs* da actividade editorial na sua generalidade, tratar com toda a equipa e diversificar o meu campo de acção. Em suma, aproveitar mais e ser mais aproveitada.
- Em segundo lugar, uma editora generalista, pois se, por um lado, tenho gosto de ler sobre vários tópicos e em vários géneros, também é certo que o eclectismo é uma forma salutar e quase garantida de se ser exposto a novas

ideias e formas de pensar relevantes, assim como estilos de escrita e «códigos de género» (e.g., os livros de auto-ajuda e a sua linguagem assertiva, que se dirige explicitamente «à leitora»). Sendo este estágio uma extensão do mestrado, e encontrando-me eu em início de carreira — uma etapa mais generosa em incógnitas do que em certezas —, pareceu-me o mais pertinente, por potenciar a minha formação.

Semanas mais tarde, tive conhecimento de um lugar disponível na Divina Comédia, e não perdi mais tempo: contactei Paula Caetano, enviei-lhe o meu *curriculum vitae*, trocámos impressões e marcámos entrevista presencial. Foi graças ao Professor Fernando Cabral Martins que tive essa informação, numa reunião realizada a 22 de Julho de 2013 para orientação dos estágios, em que comparecia toda a turma e também o Professor Rui Zink. Não só a editora se encaixava no perfil por mim favorecido, como incluía a oportunidade acrescida de testemunhar o nascimento de uma instituição, algo que me agradou de sobremaneira.

A partir daí, tudo se processou rapidamente. O Plano de Estágio (Anexo 1) foi acordado com Paula Caetano, determinada como minha orientadora na instituição de acolhimento. Foi-me notificado que deveria estar preparada para o «imprevisto», com forte enfoco na minha capacidade de desembaraço e mutabilidade. Informou-me ainda que apreciara o meu currículo justamente por patentear uma série de formações extracurriculares e actividades diversas, o que parecia indicar o tipo de pessoa que seria de utilidade à Divina Comédia. Efectivamente, acabei por não cumprir todas as funções previstas, mas conjuguei sempre os interesses da editora com os meus, nunca desdenhando de qualquer afazer. Pelo contrário: se me fosse pedido, era facto garantido, pasto que não me fazia sentido almejar um ambiente profissional para depois auto-impor regalias.

Comecei portanto a 17 de Setembro, das 14 às 19 horas, relativamente tarde em relação ao primeiro contacto por Agosto ser mês de férias, e por se considerar que no maior rebuliço de retomar as actividades talvez fosse negligenciada. Terminei só a 21 de Janeiro do ano seguinte, por motivo de interrupções pontuais, como períodos de férias e momentos de doença. Assim, sem mais preâmbulos, seguidamente se pode conhecer a minha jornada.

1. A EDITORA: DESCOBRINDO E COMPREENDENDO A DIVINA COMÉDIA

1.1. Introdução

«Contraciclo»¹. «Arrojo»². «Decisão de risco»³. «Projecto de loucura»⁴. Estas foram algumas das expressões usadas para descrever a criação de uma nova editora literária em plena crise económica (e, em muitos sentidos, cultural) — duas delas do próprio fundador, o renomado Alexandre Vasconcelos e Sá. Não obstante, se por um lado a altura não parece a mais propícia, a história tem-nos provado uma e outra vez que são os períodos de crise que frequentemente inflamam e apuram o que há de melhor no espírito humano: garra, criatividade, ambição, dinamismo, adaptabilidade, sentido crítico, a capacidade de sonhar — uma espécie de despertador ínsito programado para a autodepuração mediante o «empurrão» elementar da necessidade.

Por outras palavras, de paixões se faz o homem, e a Divina Comédia é precisamente isso: um projecto de paixões, o resultado do esforço cumulativo de vários profissionais notáveis com uma visão partilhada, que se centraliza em três objectivos chave correlacionados:

- Em primeiro lugar, a fuga aos grandes grupos editoriais, que monopolizam a indústria através da hiperconcentração de editoras pequenas, criando

¹ MAGALHÃES, Maria Manuel (2013, 28 de Maio). «Divina Comédia, uma editora que promete dar muito que ler»; Marcados de Livros. Disponível em:

<<http://marcadordelivros.blogspot.pt/2013/05/divina-comedia-uma-nova-editora-que.html>>

Consultado a 8 de Fevereiro de 2014.

² O PÚBLICO, 8 de Fevereiro de 2014 (12 de Outubro). «Divina Comédia é a nova editora de Alexandre Vasconcelos e Sá»; Público. Disponível em: <<http://www.publico.pt/cultura/noticia/divina-comedia-e-a-nova-editora-de-alexandre-vasconcelos-e-sa-que-ja-faz-compras-em-frankfurt-1567083>> Consultado a 8 de Fevereiro de 2014.

³ Autor desconhecido (2012, 11 de Outubro). «Divina Comédia é nova editora independente»; Dinheiro Vivo. Disponível em: <<http://www.dinheirovivo.pt/Economia/Artigo/CIECO064739.html>> Consultado a 8 de Fevereiro de 2014.

⁴ Autor desconhecido (2013, 1 de Junho). «Nova editora nasce no coração de Lisboa em plena crise»; Jornal de negócios. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/economia/cultura/detalhe/nova_editora_nasce_no_coracao_de_lisboa_em_plena_crise.html> Consultado a 8 de Fevereiro de 2014.

verdadeiros «impérios editoriais» e instituindo pressões de mercado muito próprias por consequência do seu desmesurado poder económico.

- Em segundo, a criação de uma editora pequena onde se dê mais atenção ao autor e à divulgação do livro, posto que tal é impossível num plano editorial com várias centenas de lançamentos anuais, em que «quantidade» é a palavra de ordem.
- E, finalmente, a aposta contínua em autores portugueses, por serem precisamente esses que carecem de mais acompanhamento e apoio, não obstante a sua contribuição essencial para o património cultural do país.

Por conseguinte, foi em Outubro de 2012 que nasceu a Divina Comédia, oficialmente apresentada ao público na Primavera do ano seguinte. Do «plantel» inicial fizeram parte Alexandre Vasconcelos e Sá, director e editor, Paula Caetano, editora de ficção, Leonor Branco, directora de produção, e José Araújo, director comercial. Mais tarde, juntaram-se-lhes Cláudia Prata, directora de comunicação e *marketing*, e Sara Wunderly Gomes, editora de não-ficção. A equipa foi finalmente «fechada» com a integração de João Carvalho e Miguel Furtado, representantes comerciais: o primeiro a cargo do Norte do país, e o segundo das regiões Centro e Sul.

Em seguida veremos de que forma a Divina Comédia desenvolveu os seus objectivos e a evolução que registou até ao presente momento.

1.2. O catálogo e a segunda chancela

A distinção de primeiro título coube a *Mudanças*, escrito pelo chinês Mo Yan, vencedor do Prémio Nobel da Literatura de 2012. Uma espécie de semi-autobiografia que relata as mudanças por que a China comunista passou nas últimas décadas, contém um «misto de fantasia e realidade, perspectivas históricas e sociais»⁵. A edição estava prevista para o início de 2013; no entanto, com a súbita boa-nova do Nobel, anunciado a 11 de Outubro de 2012, antecipou-se o lançamento

⁵ «The Nobel Prize in Literature 2012 – Bio-bibliography»; Nobel Prize. Disponível em: <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2012/bio-bibl.html> Consultado a 10 de Março de 2014.

para Novembro, tornando Portugal num dos cinco países onde *Mudanças* esteve disponível para leitura antes da cerimónia de premiação, realizada a 10 de Dezembro.

Estrategicamente, cinco outros livros juntaram-se-lhe por ocasião da Feira do Livro de Lisboa, com início a 23 de Maio de 2013, e da festa de inauguração da Divina Comédia, no dia 31; estes foram: *Alcora – O Acordo Secreto do Colonialismo*, de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes, *Bordel Português*, de Nelson Quintino, *O Cavaleiro da Águia*, de Fernando Campos, *Como Desenhar Mulheres, Motas e Cavalos*, de Nuno Markl (com poemas de Miguel Araújo), e *Deve Ser Isto o Amor*, de Rita Ferro Rodrigues; um catálogo expressivamente português que fazia jus às promessas proclamadas, não só relevando o talento lusófono como excelendo em riqueza temática.

À laia de evidência, basta examinar: *Alcora – O Acordo Secreto do Colonialismo* revela em detalhe uma das alianças militares mais escondidas do foro público, que envolvia Portugal, a África do Sul e a Rodésia, com o propósito de manter o regime colonial português, a par dos regimes racistas dos consorciados; *Bordel Português* é um romance de estreia que reflecte ironicamente, ao mesmo tempo que denuncia, os efeitos da crise económica e social em Portugal, através de personagens caricatas cujas desventuras tragicómicas tanto fazem rir como chorar; *O Cavaleiro da Águia* é um romance histórico sobre a edificação da nação portuguesa em mais do que um ponto no tempo (nomeadamente na Idade Média e na Renascença), atravessando batalhas e intrigas, heróis e anti-heróis; *Como Desenhar Mulheres, Motas e Cavalos* é a adaptação do espectáculo homónimo ao formato em papel, onde se privilegia o humor aliado ao desenho, versando acerca de temas como Deus e o sexo; e, por fim, *Deve Ser Isto o Amor* é um testemunho tocante na primeira pessoa sobre afectos universais, partindo da experiência de vida da autora enquanto mulher e também mãe.

Entrementes, «fervilhando ao lume», estavam já obras estrangeiras como *Bridget Jones: Ele Dá-me a Volta à Cabeça!*, da britânica Helen Fielding, *Juliette Society*, da estadunidense Sasha Grey, e *O Sermão Sobre a Queda de Roma*, do francês Jérôme Ferrari. O primeiro trata-se da terceira continuação da série que foi

um fenómeno mundial, explorando agora a vida da protagonista na casa dos 50, mãe, viúva e ainda incorrigivelmente patusca; o segundo consiste num romance erótico sobre uma sociedade secreta de hedonismo sexual, onde vemos a protagonista cair numa rede perigosa de intrigas, corrupção e decadência; e o terceiro, laureado com o Prémio Goncourt de 2012, acompanha dois amigos conforme se descobrem fatalmente permeáveis às contingências da vida, numa narrativa filosófica que evidencia a efemeridade das civilizações.

Em suma, um catálogo para «dar muito que ler», como referia certo comunicado à imprensa da editora, astuciosamente dirigido a vários públicos-alvo.

A respeito disso, aliás — mais uma vez demonstrando argúcia e previdência —, a Divina Comédia criou também uma segunda chancela, de seu nome Máquina de Escrever, direccionada a um público mais informal, com «literatura de entretenimento e não-ficção, de assuntos mais do quotidiano»⁶. Isto não só reserva as obras mais literatas para a chancela principal, como também os autores mais consagrados e/ou mediáticos.

Naturalmente, esta é uma separação de águas lógica: enquanto submarca, toda a chancela, apesar de independente e com personalidade própria, tem o objectivo de suprir e se dirigir às necessidades específicas de um determinado segmento de mercado significativo, trabalhando no sentido de complementar a *masterbrand*, e, por conseguinte, fortalecê-la. Por este motivo, é tanto uma questão de agregar valor como de transmitir uma mensagem, compondo aquilo que se considera a arquitectura de uma marca: concretamente, a apresentação desta e dos seus produtos ao consumidor de forma a que este compreenda e encontre aquilo que quer.

Quanto aos critérios de escolha para o catálogo da casa, o princípio é muito simples: *fifty-fifty* de títulos portugueses e obras traduzidas, e *fifty-fifty* de ficção e não-ficção. É de referir que a editora procura lançar livros aos pares sempre que possível: um da Divina Comédia e outro da Máquina de Escrever. Ainda assim,

⁶ FERREIRA, Ana Dias (2012, 6 de Dezembro). «Mudanças ao quadrado»; Time Out Lisboa. Disponível em: <<http://timeout.sapo.pt/artigo.aspx?id=1968#.UL92CQhUy1Y>> Consultado a 15 de Março de 2014.

lançam-se mais livros na chancela principal do que na segunda: cerca de dois terços contra um.

1.3. As instalações e o plano alternativo de actividades culturais

No que diz respeito a instalações, a Divina Comédia usufrui de condições algo privilegiadas: situada num antigo armazém de livros primorosamente restaurado, no coração de Lisboa, não só conta com um espaço amplo e bonito (com capacidade para 200 pessoas), como também singularmente histórico, sucessão fortuita da Guimarães Editores — a casa editorial mítica que nos trouxe Agustina Bessa-Luís e traduções de autores como Leão Tolstoi e Frederico Nietzsche.

Assim, após extensa readaptação, o recinto é presentemente constituído por saguão de entrada, uma sala de reuniões com privada, uma galeria, um primeiro andar com gabinete, um mezanino com escritórios e arquivo, uma área de serviço com sala de estar e cozinha, e, por fim, um terraço nas traseiras; ambiente que é consideravelmente favorecido pela reutilização do espólio da Guimarães como decoração, incluindo tipos móveis, máquinas tipográficas, edições e até pinturas. Em suma, uma espécie de editora museu, onde mesmo o nome da antecessora foi preservado no vigamento, justapondo o passado com o futuro.

Em tal conjuntura, projectou-se naturalmente a promoção dos respectivos autores através de eventos internos, como lançamentos, sessões de autógrafos e *workshops*, aliados a outras actividades de natureza cultural. Com efeito, no lançamento de *Trans Iberic Love*, de Raquel Freire (a 26 de Junho de 2013), além de apresentação por São José Almeida, jornalista, houve ainda exposição fotográfica de Paulina Valente Pimentel e participação da banda portuguesa O'queStrada. Já no lançamento de *Eléctrico 16*, escrito por Filomena Marona Beja (a 4 de Julho do mesmo ano), foi Miguel Real, professor e escritor, quem apresentou, com 12 desenhos de Maria José Ferreira em exibição.

As vantagens são muitas: além de ocupar e acarinhar os autores num ambiente que lhes é familiar, na sua própria «casa», há um maior controlo sobre os custos e demais condições concernentes ao evento (como nível de interactividade e

entretenimento), ao mesmo tempo que se reforça mais vincadamente a imagem da Divina Comédia como um pólo de câmbio cultural e proximidade, estabelecendo uma imagem auspiciosa da editora e solidificando-a através de associações positivas (no fundo, o objectivo de todo o *marketing*). Resumidamente, é uma questão de credibilidade e notoriedade.

Obviamente, tal não exclui a elaboração de eventos fora da casa, como lançamentos em lojas Fnac e afins; é sim, no entanto, uma mais-valia a não ser desperdiçada.

1.4. O *outsourcing*

Como em várias pequenas editoras, a terceirização é uma realidade inevitável da casa, posto que aforra em custos operacionais e possibilita um melhor aproveitamento dos recursos internos, que por sua vez já não limitam a actividade editorial. Um dos exemplos mais patentes é no reagir a alterações do plano editorial, organismo esse bastante metamórfico que demanda um posicionamento ágil. Acresce que o objectivo da Divina Comédia é editar 100 livros por ano, e percebe-se, subjacente, um fluxo de trabalho bastante intenso. Por conseguinte, não só a tradução de obras fica delegada a profissionais externos, como também grande parte da revisão, ficando o resto por conta de Leonor Branco. A isto junta-se a paginação e trabalhos de *design*, como a criação de capas.

1.5. Planos para o futuro

Com olho no emergente mercado dos *ebooks*, a Divina Comédia prepara já a sua investida a longo prazo. Isto porque, como escrevi no livro *Hoje há Editoras*:

Os prós e contras dos *ereaders*, indissociáveis dos *ebooks*, já são actualmente bem conhecidos. Por um lado, há a portabilidade prática, a «imediácia» sem fronteiras do conteúdo, os preços reduzidos dos livros digitais, o espaço ilimitado, o formato leve e bem proporcionado, as capacidades de auto-iluminação (em modelos mais recentes), a conectividade e a simplicidade abstergida de anexar notas, destacar o texto, etc. Por outro, a indissociação entre os dois produtos (dado que o livro em papel é o seu próprio suporte), a bateria limitada, o gasto mais severo da visão, a

passibilidade de *bugs*, as questões mal resolvidas de *copyright*, a propriedade nunca realmente nossa dos *ebooks*, a facilidade de pirataria, etc.⁷

Neste momento, o fenómeno dos livros electrónicos ainda não manifestou senão um impacto residual em Portugal devido às características particulares que condicionam o nosso mercado, nomeadamente o IVA elevado (que absorve os descontos dos editores), a chegada só muito recente de aparelhos *ereader* às lojas nacionais, o carácter tipicamente conservador da população portuguesa, entre outros. No entanto, o crescimento tem-se mantido regular, embora humilde, não havendo razão para duvidar que descole significativamente mais tarde ou mais cedo, a julgar pelas alterações de estilo de vida que fazem de fenómenos como a migração populacional e a frugalidade realidades basilares. Posto de outra forma, é simplesmente uma questão de reconhecer as necessidades da sociedade contemporânea e soluções mais viáveis, admitindo que os livros digitais são um desenvolvimento legítimo e congruente (embora imperfeito).

Nesta linha de raciocínio, a Divina Comédia tem negociado os direitos para *ebooks* desde o início da sua história, já tendo até produzido algumas versões digitais, como no caso de *Bordel Português*. Ainda assim, apesar de já estarem prontos a comercializar, é um passo que ficou para mais tarde, quando a altura for mais propícia.

Em relação a futuros lançamentos, podem-se apontar já quatro: *Recados de um Anjo*, de Manuela Sousa, uma autobiografia pungente sobre ser-se mediúnica numa sociedade volúvel e vencer obstáculos, como a descolonização em Angola, o ostracismo familiar, a pobreza e a violência doméstica; *Maneiras de Voltar para Casa*, de Alejandro Zambra, um romance dentro de um romance que alterna entre o Chile ditatorial aos olhos de uma criança e a metaficção, numa exploração tocante e melancólica sobre o amor, a vida, a tirania e a necessidade de fazer sentido do próprio passado; *Canja de Galinha: Assuntos de Família*, de Jack Canfield, Mark Victor Hansen, Amy Newmark e Susan M. Heim, uma compilação de testemunhos

⁷ ALMEIDA, Carlos, ALMEIDA, Cátia, DUARTE, Cláudia, FERREIRA, Marta, GUERRA, Catarina, MARTINS, Tânia, MENDES, Ana, MINISTRO, Bruno, RODRIGUES, Gonçalo, SOUSA, São José & XAVIER, Ágata (2013). *Hoje há Editoras: À 1/2 Dúzia é Mais Barato*. 1.ª ed. Lisboa: TediBera. P. 17.

caricatos e enternecedores sobre relações e questões familiares, tão variados quanto previsivelmente excêntricos; e *Tempos de Rutura*⁸, de Eric Hobsbawm, uma colecção de ensaios interculturais sobre o século XX, abordando temas como a música clássica, a emancipação das mulheres e a globalização.

1.6. Outras informações

- Aquando a escolha do nome para a editora, Alexandre Vasconcelos e Sá preceituou um monónimo sem acentos cuja leitura fosse inteligível noutras línguas. José Araújo abordou-o com «tudo aquilo que não queres»: «Divina Comédia», o título sonante do *magnum opus* de Dante Alighieri. A proposta acabou por pegar.
- A Divina Comédia está registada nas finanças como «Terreiro do Paço Editores», visto já existir uma «Divina Comida» (restaurante *take away* em Matosinhos). Rejeitam-se nomes demasiado parecidos com o objectivo de evitar confusões.
- A eleição do logótipo teve a ver com a predilecção de Alexandre Vasconcelos e Sá em rabiscar cadeiras. Representa a cadeira do autor e do leitor.
- Já o nome e o logo da Máquina de Escrever foram ideias de Alexandre Vasconcelos e Sá pela relação auto-explicativa que têm com a literatura.
- A Divina Comédia tanto usa o Acordo Ortográfico de 1990 como a grafia pré-acordo, conforme o desejo dos autores. No caso de traduções, usa-se o Acordo Ortográfico.

⁸ Grafia ajustada ao Acordo Ortográfico de 1990.

2. A REVISÃO: TEORIA, PRÁTICA E REFLEXÃO

2.1. Revisão em português

2.1.1. Conceitos teóricos

2.1.1.1. Introdução

A revisão trata-se uma de muitas engrenagens concebidas para defender o leitor, intercedendo a seu favor, *em seu lugar*; isto é, garantindo que a reflexão do autor que é a escrita não deixa de considerar o público-alvo a quem se destina, criando antes uma ponte entre os dois, porque ambos importam.

Assim, da mesma maneira como as margens de um livro devem ser suficientemente grandes para que o texto «respire» e não canse a vista, ou a brancura e o brilho do papel devem ser cuidadosamente escolhidos para não causar esforço, a revisão é outra forma de controlo de qualidade que visa facilitar o envolvimento com o texto. Entende-se por isto que não devem haver disrupções à leitura, especificamente erros que atirem o leitor para fora da narrativa e provoquem confusão, tal como a nível ortográfico, semântico, gramatical, factual, de inteligibilidade do discurso ou de coerência lógica (em termos de estilo e de determinadas soluções linguísticas, por exemplo). Independentemente do nível de cultura do consumidor, este não deve deparar-se com nada que não seja orgânico ao texto de acordo com as normas vigentes da língua em questão — até porque, se é verdade que o nosso cérebro funciona como uma espécie de corrector automático em geral (emendando vários tipos de erros que comportem uma parecença razoável com a forma correcta), também é certo que, a partir do momento em que um é detectado, mina imediatamente a credibilidade do texto e a própria concentração do leitor, depreciando o conteúdo em função da forma. De certo modo, é como o personagem mal desenvolvido de uma história de ficção que passa por uma transformação de 180º sem justificação plausível: tão deslocado e destoante que nos rouba a atenção; denunciando, no mínimo, desleixe profissional, se não mesmo descaso para com o leitor.

Naturalmente, isso leva a uma dicotomia relativamente nociva: o mesmo barómetro de sucesso que acompanha um bom trabalho é também aquele que garante a invisibilidade do seu profissional perante o público; só se vê o que o revisor não fez, e só se opina o que deixou escapar. Ou passa despercebido, ou passa por incompetente. É um trabalho algo ingrato, mas ao mesmo tempo gratificante na certeza da sua importância, posto que agrega valor ao texto através da «higienização» que enceta. Como refere Manuel Matos Monteiro em *O que é isso de ser revisor?*:

O revisor é, no fundo, o escritor da sombra, o duplo do actor de cinema que entra em cena quando este não está preparado para o salto. Dependendo da margem que as editoras e os autores lhe concedem, dependendo também do seu perfil – mais ou menos intervencionista –, ele pode ser um mero reparador de erros ou alguém que reescreve frases, embelezando-as. Sim, o bom revisor deve amar as palavras. Não ser apenas um engenheiro ou um contabilista das mesmas. Só amando as palavras, as poderá lascar, aparar, envernizar, polir, perfumar.

Seria interessante publicar-se um livro de um grande escritor em estado de pré-revisão, de modo que os leitores compreendessem a importância do revisor.⁹

Até porque, como explica o editor José Alfaro:

[...] os livros de grandes escritores estão longe de preencher a oferta editorial, e muitos dos textos que vêm os prelos chegam às editoras a necessitar, mais do que de revisão, de reescrita. Porque se publicam então? Por razões várias que não cabem nesta reflexão (por exemplo, porque têm mérito e relevância científica, apesar das deficiências da escrita).¹⁰

2.1.1.2. As etapas do processo de revisão «simples»

⁹ MONTEIRO, Manuel Matos (2009, 15 de Setembro). «O que é isso de ser revisor?»; Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.ciberduvidas.com/idioma.php?rid=2116>> Consultado a 20 de Março de 2014.

¹⁰ ALFARO, José (2009, 15 de Março). «Algumas linhas sobre a nobre profissão de empregado de limpeza (a quem alguns também chamam escravo, capacho ou revisor)»; Blogtailors. Disponível em: <<http://blogtailors.blogspot.pt/2009/03/opiniao-algumas-linhas-sobre-nobre.html>> Consultado a 20 de Março de 2014..

Na cadeia de produção de um livro, a revisão segue-se à entrada de um dado manuscrito (traduzido e/ou editado¹¹) e precedentemente à sua paginação.

Numa fase inicial, e seguindo essa ordem, aconselha-se que o revisor a cargo do manuscrito conceba algum trabalho de preparação básica. A estrutura impõe-se como primeira necessidade, dado que o original nem sempre vem bem organizado, podendo-lhe faltar índice ou mesmo sequência discriminada (o que acontece com frequência quando os capítulos chegam avulso). Seguidamente, pode-se também aproveitar para averiguar questões micro como a bibliografia e hierarquias de titulação; estas últimas, por exemplo, vêm quase sempre a definir pelo revisor, uma vez que dependem do projecto gráfico.

É fundamental fazer pelo menos um *check-up* do estado geral do original, posto que permite diagnosticar a medida de intervenção necessária — útil não só para se ter boa noção do trabalho a fazer, como para negociar valores e prazos. Para isso, é preferível analisar vários momentos do manuscrito: algumas páginas no início, outras no meio e outras no fim (já que a qualidade da escrita tende a oscilar segundo o estado de espírito do autor aquando a sua realização).

Depois passa-se à normalização, idealmente feita num editor de texto digital, como o Microsoft Word. Resumidamente, a normalização envolve a detecção de problemas recorrentes de formatação tipográfica, considerando tanto critérios do domínio da tipografia como ao nível da ortografia. Isto pode implicar a regularização de aspas, versaletes, números ordinais, estrangeirismos, etc., de modo a manter a coerência no grafar. Em suma, é essencialmente um conjunto de operações padronizadas — daí a maior adequação a um *software* automatizável, que em segundos pesquisa e converte o que podem ser centenas de ocorrências repetitivas do mesmo problema.

Após a normalização, manda-se o ficheiro para paginação, que produz então as primeiras provas. Aqui a revisão já é linguística e tipográfica, usando sinalética

¹¹ Uma obra importada de outro país não está necessariamente livre de intervenções a nível de edição, embora tal se pressuponha (visto que já atravessou por esse processo). No livro *Canja de Galinha: Assuntos de Família*, por exemplo, alguns dos testemunhos foram omitidos por uma questão de brevidade. Curiosamente, a selecção foi atribuída ao tradutor. O mesmo aconteceu com os outros livros da série que a Divina Comédia pretende publicar.

própria a tinta vermelha ou verde¹². Como tal, devem ser fornecidos critérios editoriais directos, fáceis de perceber e objectivos — o designado livro de estilos da editora. Quando bem conseguido, o livro de estilos aborda as situações mais comuns e devidas soluções, não deixando espaço para ambiguidades. Infelizmente, a Divina Comédia não possui livro de estilos; e na verdade consta que são raros.

Uma revisão linguística pressupõe a correcção de problemas linguísticos e gralhas, assim como a normalização de soluções nesse mesmo âmbito (uma palavra com variante, por exemplo, tem de ser escrita sempre da mesma forma, como no caso de «oiro» *versus* «ouro»). Por conseguinte, como o próprio nome indica, é uma revisão em que o texto já está limpo de problemas «ortotipográficos» e nos debruçamos sobre ele de uma perspectiva linguística.

Já uma revisão tipográfica, originalmente associada à composição manual de tipos móveis (que podia gerar erros mecânicos ou de manuseamento), é agora relacionada a problemáticas de estruturação, como no que diz respeito à translineação (evitar divisões visualmente sugestivas de modo malicioso [«escupila»], não acabar a linha com um artigo, evitar linhas finalizadas com sílabas iguais [«vendo» sobre «cedo»], etc. Também pode lidar com os chamados «dentes de cavalo», letras defeituosas, divisão das secções, entre outros.

No caso de um original português, as primeiras provas representam ainda a oportunidade de identificar dúvidas e pontos mal conseguidos, consultando o autor a respeito dos mesmos. Mesmo na ausência desta comunicação, o autor tem direito legal a aceder ao jogo de provas, aprovando e rejeitando o que lhe aprouver (embora o revisor possa tentar negociar).

Finda a revisão das primeiras provas, entregam-se as mesmas ao paginador, juntamente com a respectiva errata, para que as novas emendas sejam introduzidas. Daí advém um segundo jogo de provas, com o qual se faz um confronto de emendas — isto é, uma comparação entre ambos os volumes para confirmar se foi tudo inserido, assinalando o que não foi.

¹² No meu caso, usei sempre lapiseira ou lápis de carvão, como se perceberá nos anexos, mas tal somente aconteceu pela minha condição de aprendiz, em que às vezes arrependia-me de uma emenda, ou decidia reformulá-la; como o meu trabalho era ocasionalmente examinado por Paula Caetano ou Leonor Branco, também lhes facilitava alterações.

Entretanto, caso aplicável, é tempo de rectificar as emendas ou respostas do autor e determinar o que se pode aproveitar, posto que continuam sujeitas a erro. O revisor pode ser convocado a falar com o autor porque este último não gostou do trabalho feito. Como tal, é preciso ter algum «jogo de cintura», justificando muito bem cada emenda, mas também sabendo ceder pelo bem maior; isto é, sacrificar problemas menores pela correcção de outros mais graves.

Em teoria, o jogo de ciclo de contraprovas deveria durar até não restarem mais emendas, mas tal não é viável. Há um momento em que o editor, o revisor e o paginador compreendem que as emendas já são poucas, e que portanto é seguro fazer uma verificação final, que não exige impressão da prova. Portanto, no último jogo, faz-se novamente o confronto de emendas, e confere-se religiosamente todos os dados da ficha técnica, índice, e o que for necessário.

O jogo é então enviado ao paginador, que produz a arte final e a encaminha para a gráfica. É criado o ozalide, que representa a primeira perspectiva sobre o livro objecto, ou seja, a versão mais aproximada daquilo que o leitor vai consumir, já com as proporções e o papel finais (regra geral).

Uma vez enviado para a editora, o ozalide é comparado com o livro em pdf, cotejando-se as páginas (se acabam da mesma maneira, por exemplo), verificando se os cadernos estão bem ordenados, entre outros. Quaisquer erros escrevem-se à frente e são entregues à gráfica, a partir do qual nasce finalmente o livro.

2.1.2. Prática e reflexão

A Loja das Duas Esquinas

O primeiro livro em que trabalhei na Divina Comedia foi este *A Loja das Duas Esquinas*, de Fernando Campos. A minha intervenção foi bastante simples, dado que a obra em si já estava bem encaminhada — em larga medida graças à entrega e empenho do próprio autor, que se manteve aberto e participativo mesmo no momento de revisão. Da minha parte, coube-me fazer a contraprova de modo a verificar se as emendas do primeiro jogo (em papel) tinham sido introduzidas no

segundo (em ficheiro pdf), marcando neste último todas aquelas que faltassem. Curiosamente, faltavam todas. Como tal, procedi a uma reprodução completa das emendas no suporte digital, constituindo tal circunscrição o principal distintivo desta tarefa.

Em primeiro lugar, cedo me apercebi que, ao lidar com ficheiros pdf num contexto editorial, idealmente se deve optar por um *software* da máxima customização. Decidi-me pelo Adobe Acrobat X Pro, que já tinha instalado antes para fins académicos. Mediante pesquisa *online*, discerni que tinha três opções para marcar as emendas:

- Conjugar as ferramentas de edição de imagem e de texto do Acrobat para recriar a sinalética tipográfica tão fielmente quanto possível (o primeiro através da caixa de texto e do lápis de desenho livre, por exemplo, e o segundo pelas opções de formatação, como rasuras, destaques a amarelo, comentários, etc.) Acresce a criação de «stamps» — imagens trabalhadas em *software* especializado que são convertidas em carimbos digitais com a feição que o utilizador desejar —, e de repente podemos ter um «vale» contornado circularmente, tal como se desenhado à mão da forma tradicional. Todas estas ferramentas produzem um resultado absolutamente cômpar ao efeito em papel, com a vantagem de admitirem registo de alterações e a faculdade de apagar ou refazer as próprias operações, sem vestígios aparentes no produto de trabalho.
- Emprego da Proofreader Font, um tipo de letra com símbolos de revisão criado por Dustin Finke que pode ser aplicada como qualquer fonte «normal», precisando apenas de espaço próprio para inserção de texto (como notas).
- Escrita por extenso, enunciando claramente as instruções: «suprimir espaço», «aumentar espaçamento interlinar», etc.; também apenas necessitando de um espaço próprio para escrita.

Ciente da existência de mais soluções (inclusivamente com a mescla das supramencionadas), dei por concluída a procura. Optei pela terceira via, posto que desenhar em *touchpad* não é prático, criar carimbos tomaria demasiado

tempo (o que compensaria no caso de uso continuado, algo que não se verificou), e a Proofreader Font é bastante incompleta (provavelmente por não existir uma padronização dos sinais de correcção a nível internacional). Decidi assim «colar» comentários junto às áreas de intervenção, destacando os respectivos segmentos de texto para evitar ambiguidades a respeito da correspondência.

Pode-se ver uma amostra do meu trabalho no Anexo 2.

Livro de culinária não identificado

Após a realização de mais algumas contraprovas, essas só em papel, Paula Caetano encarregou-me de algo um pouco mais complicado: a primeira fase de revisão de um livro de culinária, cujo nome não posso revelar por questões de confidencialidade. Se anteriormente referi que, antes das etapas mais substanciais de revisão, é preciso fazer algum trabalho de preparação para orientar o que vem a seguir, foi nesta ocasião em que efectivamente o constatei.

A minha primeira tarefa resumiu-se a criar subpastas temáticas com categorias específicas de culinária, dado que as mais de 100 receitas que compunham o projecto vinham em ficheiros avulso de Microsoft Word, completamente misturadas. Em comunicação com Paula Caetano, convencionámos as seguintes categorias: «Acompanhamentos», «Carne», «Molhos», «Peixe», «Sobremesa» e «Sopas»; que passei a organizar mediante inspecção individual de cada ficheiro, dado que os próprios nomes nem sempre correspondiam ao conteúdo.

Em seguida veio a normalização, onde me senti a momentos algo perdida. Se, por um lado, as receitas tinham sérios problemas estruturais, em que os ingredientes tanto podiam ser apresentados em lista como em tabela, ou explicar o desenvolvimento de modo diferente, também ao nível da informação os dados nem sempre batiam certo — uma colher de sopa de caril tanto podia pesar cinco gramas aqui como 15 gramas ali, ou não determinar a pesagem de todo (entre várias outras discordâncias).

Como tal, em primeiro lugar procedi à reformulação dos ingredientes, que passaram todos a configurar um formato listado. A digitação teve de ser feita manualmente, receita a receita, uma vez que não havia conformidade suficiente para automatizar recorrências. Depois compilei as receitas para um único ficheiro (apropriadamente capitulado segundo as categorias predefinidas: «Acompanhamentos», «Carne», etc.)

A partir desse ficheiro, foi-me pedido que me virasse seguidamente para a preparação culinária das receitas, lendo cada passo-a-passo e fazendo uma análise crítica da informação propriamente dita — visto que, como já referido, a mesma nem sempre era lógica e consistente. Este não era ainda um trabalho estético, como o que já tinha sido principiado na listagem dos ingredientes; as incoerências eram demasiadas para isso, tornando-se necessário fasear o respectivo tratamento. Ao inspeccionar a preparação de uma receita, por exemplo, podia subitamente descobrir que determinado ingrediente listado não era na verdade utilizado, ou que a quantidade anteriormente mencionada não era suficiente. Por conseguinte, li o *master file* com a máxima atenção, acrescentando as minhas considerações por via da ferramenta de comentários, para apreciação posterior de Paula Caetano.

As dicas, ao final de cada receita, eram particularmente problemáticas. Por vezes dispunham de tantas variações e sugestões que criavam receitas novas de seu próprio direito. Outras vezes, porém, não eram mais do que confidências pessoais (passo a citar): «O arroz de manteiga é o prato predileto [sic] da minha neta Maria que adoro», «Tento ir pelo menos uma vez por ano no Alentejo, no Inverno porque adoro o Alentejo e em especial Estremoz»; ou observações redundantes: «É de facto muito doce mas muito bom», «É delicioso porque a carne é extremamente gostosa», entre outras. Também podiam conter instruções gerais de culinária (como proceder à congelação de alimentos, o porquê de certo utensílio ser bastante útil, a melhor forma de cortar legumes para reduzir o tempo de cozedura, etc.), que, por serem de facto profícuas e abrangentes, eram mal aproveitadas em tais «recantos escondidos». Por fim, haviam pontualmente referências históricas que, apesar de interessantes, também não eram pertinentes à secção em questão.

Paralelamente, decidi tomar nota das equivalências entre as quantidades de colheres de chá e sopa e o seu suposto peso em gramas, uma das maiores fontes de discrepâncias, para confronto futuro com o autor. Concebi assim uma tabela de duas colunas: à esquerda, a quantidade de uma colher, e à direita, o peso médio mais frequentemente atribuído como equivalente. Algumas testei em casa e rectifiquei, conforme os produtos de mercearia que tinha na minha própria despensa, mas muitas ficaram por ratificar.

Também me ofereci para reunir todas as instruções gerais de culinária num só ficheiro, sugerindo que de futuro formassem o seu próprio capítulo (porventura pedindo ao autor que as desenvolvesse, numa espécie de lição ou mesmo curso intensivo de culinária). Tal ideia não teve aceitação.

Posto isto, deu-se por terminada a minha participação no presente livro de culinária, que foi adiado por tempo indeterminado. O projecto não ficou de todo suficientemente «lapidado», restando ainda problemas de ordem conceptual — como, por exemplo, o facto de assentar num regime próprio que pressupunha compras semanais para a casa e uma esquematização também semanal do plano alimentar, em que os produtos de mercearia eram categoricamente decididos pelo autor de modo a obedecer à sua filosofia pessoal, o que resultava num livro inflexível e com uma curva de aprendizagem pronunciada. Por conseguinte, a editora acabou por considerar que o nível de cuidados a que o livro ainda obrigava absorviam demasiado tempo, e que, sendo impossível finalizá-lo antes do Natal, outros projectos mereciam prioridade.

Nos Anexos 3 e 4 podem-se ver duas das receitas de carne em momentos distintos: primeiro nos ficheiros de origem, e depois já revistas por mim.

Recados de um Anjo

Mais ou menos a metade do meu estágio, foi-me entregue *Recados de um Anjo*, obra anteriormente publicada como edição de autor. Este projecto vinha «herdado» de determinado profissional que entretanto ficara indisponível, o que resultou numa certa indefinição das intervenções já realizadas e expectativas para o

seu desenvolvimento; soube, porém, que me estavam a entregar as segundas provas, e que o livro já tinha passado por dois revisores antes de mim. A respeito do respectivo, aliás, foi-me tão-somente especificado que desse «uma vista de olhos ao texto» pois o mesmo não era «de confiança». Intrigada, assumi a tarefa de diagnosticar o trabalho já efectivado e determinar um plano de acção.

Mediante vistoria geral, constatei que tinham sido realizadas revisões extensivas de normalização, linguística e tipografia, inclusivamente no segundo jogo, que já trazia consigo uma abundância de novas emendas por parte de outra revisora. Todavia, também era evidente que não eram suficientes.

A grosso modo, percebi que a autora tinha tendência a resvalar para a criação de um registo oral, em desarmonia com o esforço tentativamente convencional manifestado noutras partes do texto. Dito de outro modo, escrevia muitas vezes como se falasse; de tal forma que à falta de entoações, ênfases, gestos e expressões faciais — isto é, os códigos orais que apoiam esse tipo de comunicação —, sobravam frases arrastadas, repetição de palavras e ideias, parágrafos mal divididos, erros nos tempos verbais, coloquialismos, falta de organização na exposição de conteúdos, pausas despropositadas e outros problemas que tais. A revisão anterior tinha sido bastante interventiva, mas a natureza do material de origem demandava mais.

Não obstante, deliberei que era insensato tentar elevar o registo, posto que tal implicaria a descaracterização da voz autoral (em termos de coerência), a risco de se criar uma espécie de monstro do Frankenstein ou reescrever o livro todo. Por esse motivo, decidi actuar sobretudo no sentido de diversificar o vocabulário e a formulação frásica, com a finalidade de dinamizar a leitura e torná-la mais clara.

Com a habitual actividade de revisão, que implicou a leitura completa do texto, surgiu-se-me inesperadamente a carência de uma operação mais profunda: alterações a nível da edição. Detectei algumas falhas e incongruidades mediante a própria narrativa que minavam a leitura, como relatos que não batiam certo, introdução de eventos que não tinham desfecho, divulgação de informação importante demasiado tarde, etc. Como tal, elaborei uma lista com os pontos mais importantes (nomeadamente os problemas mais evidentes). Mencionava, por exemplo:

«p. 97 – Já que abriu um novo negócio (a loja de animais), podia explicar o motivo para o salão de beleza aparentemente não ter resultado? E o trabalho como pintora? E o curso de cabeleireira e manicura? Por que razão não volta a mencionar os negócios depois de os começar, obrigando-nos a inferir que fracassaram, visto de repente estar a fazer outra coisa?»

«p. 105 – É contraditório que refira não ter sequer um tostão quando, pelas próprias palavras, o Manel ainda lhe comprava tudo o que quisesse nesta altura, e lhe atendia a todos os desejos...»

«p. 137 – Já que está em contacto com mais anjos para além do Gabriel, porque não apresentá-los a todos convenientemente, apenas aludindo agora à sua companhia, no espaço de duas linhas?»

«p. 141 – Não me faz sentido que caia da Ponte 25 de Abril e apenas dedique meia dúzia de linhas a um acidente desses, mal explicando o sucedido...»

Comuniquei estes «senões», mas o *editing* já estava dado como fechado. Haviam prazos a cumprir. De mais a mais, compreendi a um nível mais «visceral» que nem todas as obras aspiram a grandes clássicos, mesmo no próprio processo de edição. Obviamente, tal não era uma realidade desconhecida, mas observar a própria atitude de naturalidade desafectada dos vários intervenientes, cujo endurecimento tende a virar à-vontade, foi efectivamente algo de revelador. Não tiro o mérito a *Recados de um Anjo* por retratar uma história de vida simultaneamente complexa e diferente, com um percurso tão estranhado por muitos mas indubitavelmente válido em termos de agência pessoal, mas considero que não estava em condições de proporcionar uma leitura prazenteira.

Como ressalva, devo referir que desconheço a versão final, posto que passou pela revisão de uma quarta pessoa e foi concluída após o término do meu estágio. Não posso falar pelo presente livro, que inclusivamente já está a ser introduzido no mercado.

No Anexo 5 estão algumas páginas do segundo jogo de provas. As minhas alterações estão a carvão, enquanto que as azuis correspondem à revisora anterior. As intervenções às minhas emendas foram realizadas por Paula Caetano (como se

vê, muitas foram aprovadas, mas também muitas foram rejeitadas). Essas últimas também estão a azul, mas podem-se distinguir pela caligrafia.

Franceses, Marinheiros e Republicanos

Se tivesse de nomear um favorito de entre os livros em cuja concepção tive o privilégio de coadjuvar, este seria provavelmente o vencedor. Texto elegantíssimo de Filomena Marona Beja, composto por três contos românticos de ficção histórica, chegou-me às mãos para revisão das primeiras provas.

Filomena Marona Beja é a rara excelente escritora que dignifica a oferta editorial pela sua presença, e portanto revelou-se uma experiência única não só pela falta de intervenções a realizar, como pelo facto de tal não derivar de uma contenção resignada da minha parte, enquanto revisora, pelo escopo limitado da minha acção (em virtude do potencial limitado do próprio livro, como no caso anterior).

De contrário. O vocabulário mostrou-se rico e bem colocado; as frases lógicas e estruturalmente variadas; os parágrafos internamente coesivos, com um fio condutor coerente e bom suporte da narrativa subordinante; o ritmo fluído, mas não demasiado ligeiro; as personagens interessantes e vivamente caracterizadas; os temas surpreendentemente actuais, graças à universalidade de reacções e sentimentos retratados; e a contextualização histórica intensa mas acessível.

Em geral, só as vírgulas e os itálicos de estrangeirismos algumas vezes falhavam, e mais propriamente um ou outro erro de distracção: uma letra trocada ou a mais, um pronome esquecido ou até um espaço a suprimir (isso já por conta da paginação).

Tal pode ser observado no Anexo 6, onde disponibilizei algumas páginas do primeiro jogo de provas (aquele em que actuei, mais uma vez a carvão).

2.2. Revisão de tradução

2.2.1. Conceitos teóricos

Tido (mais ou menos conscientemente) como o degrau mais baixo da escala... «criativa», o revisor limpa a grande «obra», vela para que o autor ou o tradutor não caiam no ridículo, [e] acaba mesmo por o(s) salvar em muitas situações.¹³

Como forçosamente vim a descobrir, a revisão e a revisão de tradução são tarefas complementares, mas distintas. Em lugar de tentar executá-las simultaneamente, o mais prático é dividi-las por fases, dado que atentam a critérios demasiado diferentes e variados, que inviabilizam tal nível de dificuldade. Em primeiro lugar, vem a tradução de revisão: é ela que prepara o texto de chegada para que este fique no mesmo patamar de um original português, naquele conjunto de características objectivas que tornam um texto cativante por questões relacionadas com a forma. Em segundo, vem a revisão de texto, afinando o resultado da primeira por já não ver as suas intervenções em risco de retrocesso (em função de correcções a nível da tradução).

Há vários pressupostos importantes a reter nesta actividade, que aprendi através da minha experiência. Resumidamente:

- O revisor não deve suplantar. Desde que a tradução esteja correcta e legível, o estilo de escrita do tradutor deve ser respeitado. Além de descortês, executar ambas as funções no mesmo trabalho «vicia» a capacidade de olhar para o projecto com frescura e dá azo a erros; e exponenciar o tempo de revisão é irrealista, quando normalmente os prazos são tão apertados. Aliás, o prazo determina o que podemos fazer: quanto menor o período de trabalho, mais necessariamente limitada a intervenção. Consequentemente, deve-se distinguir e dar primazia aos problemas mais graves.

¹³ ALFARO, José (2009, 15 de Março). «Algumas linhas sobre a nobre profissão de empregado de limpeza (a quem alguns também chamam escravo, capacho ou revisor)»; Blogtailors. Disponível em: <<http://blogtailors.blogspot.pt/2009/03/opinioao-algumas-linhas-sobre-nobre.html>> Consultado a 20 de Março de 2014.

- O público-alvo deve ser tomado em consideração, assim como o género em que se insere a obra:

Translating is essentially a process of communication and this means that a translator must go beyond the lexical structures to consider the manner in which an intended audience is likely to understand a text, because so much depends on the underlying presuppositions of the respective source and target cultures.

(NIDA, E.A. & TABER, C.R., 2003, p. vii)

Um livro infanto-juvenil, por exemplo, não pode dispor de uma linguagem formal — não só pelo nível de literacia dos jovens leitores, como pelo facto de não ser representativo da faixa etária em que se inserem. Por outro lado, também vai ditar o que fazer com a obra a nível editorial, como evitar as notas de rodapé num romance de cordel, dado que podem intimidar o leitor. Num livro técnico, em contraste, pode-se sacrificar parte da legibilidade em função da fidelidade da informação passada — é a sua natureza que o permite, e faz outras as prioridades.

- A mensagem deve ser sempre respeitada. Ter-lhe respeito é respeitar a voz autoral, que não deixa de ter importância pela existência de mais intervenientes.

To translate means to deal in the borrowed or the stolen, never the owned. Everything that you are handling belongs to someone else. That show you are translating, that novel you are translating, *it's someone else's work*. [...] Surrender any impulses of "he should have." Fight off any thoughts of "making it better" than the original. The greatest artist is great because of what you see testified in his work, but the greatest translator is great because of his invisibility.¹⁴

- Devem-se identificar os elementos que mais caracterizam o estilo e a personalidade do texto original — questões de forma, como ritmo e métrica —, e ajustar o a nossa abordagem em conformidade, pois se a tradução deve reflectir o texto de partida, deve também vingar naquilo que distingue o seu subordinante.

¹⁴ LINDHOLM, Sarah (2012). «So, you want to be a translator?»; The Detail Woman. Disponível em: <<http://sal.detailwoman.net/so-you-want-to-be-a-translator>> Consultado a 23 de Março de 2014.

Uma boa tradução deve ter no leitor o mesmo efeito que o texto original. Se este fez sorrir o leitor ou despertou a sua curiosidade, a tradução deve suscitar a mesma reacção. Para isso, o tradutor deve ser capaz de compreender o que diz o texto: não só as palavras, mas o seu verdadeiro sentido, isto é, a mensagem que o autor quer transmitir.¹⁵

- Não assumir o pressuposto de que a informação no original vem necessariamente correcta. Pelo contrário: questionar tudo. O texto de partida foi editado por um ser humano, tal como nós, e é portanto passível a erros. Como tal, temos de proceder à dúvida metódica constante e corrigir em conformidade, averiguando factos, nomes de personalidades reais, etc.
- Não esquecer a ficha ou dados mais técnicos: títulos e numeração de capítulos, índice, biografias dos autores e co-autores, entre outros. Numa das piores traduções que revi, pertencente à compilação de vários relatos religiosos, as minibiografias dos co-autores tinham vários tipos de falhas de tradução (ou mesmo transcrição): nomes errados, endereços mal escritos de correio electrónico, frases omitidas, etc. — isso quando ao menos a própria biografia estava presente, o que nem sempre era o caso (tinha eu que ir buscar ao original e traduzir).
- A forma como avaliamos a tradução determina a nossa proposta de revisão: dito de outro modo, o nosso envolvimento com a comparação. Numa tradução especialmente fraca, por exemplo, aconselha-se a comparação integral (frase a frase ou parágrafo a parágrafo). Mas caso tenhamos confiança no tradutor, a comparação pode ser aleatória, ou reduzida a questões de ruído (apenas ocorrendo quando algo nos soa estranho, como decalques da língua de origem). Num tradutor desconhecido, recomendo que se comece com a primeira abordagem e se vá ajustando conforme o tradutor se mostre apto ou ineficaz.
- Assegurar que o texto é claro e fluído, não descurando de conectores discursivos: «assim», «então», «contudo», etc. Mesmo uma tradução muito boa em vários campos pode falhar neste quesito. Sem fluidez, há mau encadeamento. A tradução deve ter a mesma «sonoridade» que um texto português de raiz.

¹⁵ «Preparação para o curso»; Juvenes Translatores. Disponível em: <http://ec.europa.eu/translatores/how/index_pt.htm> Consultado a 23 de Março de 2014.

- O que fazer quando a tradução de uma obra é muito má? Avisar o(a) editor(a). Foi o que eu fiz. Uma má tradução bem revista não é uma boa tradução — é uma má tradução bem revista.

Em seguida está o projecto que impulsionou o meu aprendizado.

2.2.2. Prática e reflexão

Bridget Jones: No Limite da Razão

Bridget Jones: No Limite da Razão foi a primeira revisão de tradução que tive oportunidade de realizar. Provavelmente pela minha inexperiência, não supus que o facto de assentar num texto oriundo de outra língua pudesse constituir um diferencial relevante em relação aos procedimentos habituais, o que também atribuo à falta de contacto com profissionais da área — especificamente tradutores, neste caso —, que eu tinha como obrigatoriamente superiores ao nível de amadorismo em que descobria certos autores (inclusive por serem contratados mediante prova).

Ainda assim, quando me foi remetido o projecto em Microsoft Word, estranhei ligeiramente que a tradução viesse desacompanhada do texto original em inglês. A título de curiosidade, embora não desconfiasse realmente do tradutor (e fosse mais para lhe admirar o trabalho), decidi comprar o *ebook* da versão britânica na loja *online* Amazon, aproveitando-me de que na supracitada é disponibilizado um período de sete dias para devoluções — o suficiente para a minha «espreitadela».

Depois da compra, e antes da comparação, deitei uma vista de olhos ao documento em Word: em termos de revisão de normalização, revisão linguística e revisão tipográfica, depreendi que se seguia um trabalho relativamente fácil, visto que o texto não apresentava problemas de maior. A linguagem era fluida e atraente, embora adequadamente descontraída e informal; e em termos de gramática, ortografia, e todos os demais critérios já anteriormente citados, tratava-se de um bom resultado, embora imperfeito. Por conseguinte, fiquei genuinamente surpreendida quando iniciei o confronto entre o texto de chegada e o texto de partida, deparando-me com evidências amplas de uma fraca tradução: literalidades,

«falsos amigos», perda de ênfases (normalmente conseguidas no original pelo verbo «to do»), deturpações de sentido, palavras omitidas, entre outros.

Senti-me constrangida com esta descoberta. Para além de não ter formação em tradução, só estudei inglês até ao primeiro semestre da minha licenciatura em Marketing e Publicidade, em que terminei a unidade curricular com 18 valores (20 num dos exames); e a ser sincera, falo e escrevo inglês como quem toca de ouvido. Assimilei a língua sobretudo por exposição recorrente, em detrimento de um estudo metódico da teoria (que para as minhas necessidades nunca foi necessário). Na editora estavam ao corrente disso, mas decidiram dar-me um voto de confiança. Como tal, fiz o que qualquer revisor da velha guarda faria: deitar mão à obra e aprender com a prática.

Uma vez que usufruía de pouco tempo e material à minha disposição para me tornar subitamente versada em tradutologia, recorri ao meio *online* para obter referências teóricas. Paralelamente, e à falta de melhor, concluí que me teria de valer do meu bom senso — «jogada» arriscada no que diz respeito a mascarar ou suprir lacunas de conhecimento. Assim, sem ter prática ou formação creditada, e sendo obrigada, por força das circunstâncias, a trabalhar de forma bastante intuitiva, duas coisas tornaram-se-me importantes: consultar Leonor Branco, directora de produção, em casos de maior dúvida (normalmente para lhe expor as minhas soluções, buscando *feedback*), e manter-me tão fiel quanto possível ao preceitos gerais de revisão, agindo por meio a adaptação. Por se tratar de uma primeira «experiência», decidi ainda fazer duas versões do ficheiro de revisão: um «limpo», com todas as minhas emendas incorporadas de modo imperceptível (completamente integradas no texto); e outro descritivo, em que cada retradução era colorida a vermelho e explicada através da ferramenta de comentários, rasurando a tradução original em vez de a eliminar (para permitir vistoria). O segundo ficheiro destinava-se à minha orientadora, Paula Caetano. Assim, mais do que simplesmente fazer notar as mudanças a seco (algo que a ferramenta de comparação de Word se propõe a fazer de forma muito eficaz), explicitava também os meus raciocínios. No Anexo 7 estão alguns excertos.

Devo admitir que fui bastante interventiva. Não foi fácil aprender até que ponto deixar passar ou emendar alguma coisa, especialmente num texto tão discutível. Ademais, usufruí também de condições idílicas ao fazer a revisão, posto que não me impuseram de tempo. Tal não é expectável no «mundo real». No entanto, eximo-me de culpa: procurei respeitar a voz do tradutor, e tal exercício intenso de revisão não teria sido necessário numa melhor tradução. Infelizmente, há vários motivos para um tradutor se descuidar, muitos dos quais mormente por culpa de outrem. Não me considero, porém, no direito de conjecturar (nem tenho espaço para aprofundar esta questão). Acrescento somente que depende tanto das editoras como dos profissionais contratados.

4. TRABALHO DESENVOLVIDO NOUTROS CAMPOS

2.2. Textos de contracapa e *checklists*

Escrevi três textos de contracapa para a Divina Comédia, dois em Novembro de 2013 e um em Janeiro de 2014, designadamente: *O Guardião Invisível*, de Dolores Redondo, *Recados de um Anjo*, de Manuela Sousa, e *Maneiras de Voltar para Casa*, de Alejandro Zambra. Dos três, só o segundo foi quase integralmente aproveitado. Mas adiante explicarei o porquê.

Resumidamente, o texto de contracapa trata-se do misto de sinopse e anúncio publicitário que descreve o conteúdo e a essência da obra a que pertence, dando-a a conhecer ao leitor e persuadindo-o a comprar o livro. Deve mencionar o enredo, se aplicável, mas sobretudo os temas com que lida — a sua alma, de certo modo.

Em geral, não pode ser muito longo (de 150 a 200 palavras); deve considerar o público-alvo e o seu género literário; é composto por dois ou três parágrafos (para agilizar a leitura); usa palavras vívidas e impactantes; e termina com citações de várias publicações ou personalidades reputadas a elogiar o livro ou respectivo(s) autor(es) (os «blurbs»). Consta que, a seguir à capa, é o segundo elemento mais importante na venda do livro, dado que complementa a primeira impressão deixada por essa.

Como leitora, devo confessar que raramente presto atenção às contracapas dos livros, uma vez que me baseio quase exclusivamente em *reviews*. Como tal, senti-me despreparada aquando esta tarefa, agravado pelo facto de não ter lido *O Guardião Invisível* e *Maneiras de Voltar para Casa*. Não obstante, senti-me também entusiasmada — não só pelo desafio tão diferente que representava, como pelo facto de os resultados serem visíveis, ao contrário dos da revisão (embora, como refira Richard Guthrie: «Any writer would agree that the hardest thing to do is to be effective in a few words», porém «the blurb writer remains anonymous.»¹⁶) Por conseguinte, analisei várias contracapas e procurei informações para me preparar.

¹⁶ (GUTHRIE, R., 2011, p. 167)

Infelizmente, acabei por cometer um erro elementar, prejudicando duas das minhas performances. Nas palavras de Paula Caetano, embora os textos estivessem «bem escritos e bem estruturados», o vocabulário não era acessível: «O texto de contracapa é uma coisa que tem de ser imediata e fotográfica. Não pode ser nem longo nem muito elaborado. Ao usar palavras muito complicadas, podes estar logo aí a excluir um certo segmento de leitores. Como tal, tem de ser uma coisa “tcham”, a menos que se trate de um livro técnico.» Em retrospectiva, tenho de concordar. Nos Anexos 8 e 9 estão dois dos meus textos de contracapa: *O Guardião Invisível*, que não foi utilizado, e *Recados de um Anjo*, cuja versão final é quase idêntica à minha proposta.

Além dos textos de contracapa, realizei também *checklists* de conteúdo: compilações em Microsoft Word com todas as sinopses, *blurbs* e biografias originais disponíveis nos *sites* da loja Amazon. São precisamente estes dados que apoiam a criação de material promocional para obras traduzidas, servindo de inspiração. No Anexo 10 pode-se encontrar a minha primeira *checklist*.

4.2. Apoio ao expediente geral da Divina Comédia

Trabalhar na Divina Comédia é ter disponibilidade para fazer de tudo um pouco. É nunca recusar a mão à equipa, ser obrigatoriamente flexível e mostrar boa vontade. Ser espontâneo mas também metódico. Ter energia mas saber abrandar. É mostrar iniciativa e tomar opções, embora nunca inferiorizando o próximo. É regressarmos a casa ao final do dia, mas sem nos desligarmos por completo da editora porque estamos ligados a ela (ver Anexos 11 e 12, em que comunico com a equipa por correio electrónico para alertar sobre algumas situações fora da minha directa responsabilidade). Acima de tudo, é nunca dizer que não a uma tarefa, porque todo o trabalho é uma oportunidade de aprender, e todo o serviço é importante à editora, pequeno ou grande — mesmo fotocopiar documentos é essencial, porque faz correr informação necessária.

Como tal, durante o meu estágio tive oportunidade de executar vários afazeres, como modernizar a linguagem de um romance dos anos 30, prestar apoio no lançamento de um livro, assistir (mais do que participar) a reuniões com autores para discutir detalhes das respectivas obras ou actividades promocionais, fazer

atendimento telefónico, ajudar na organização do arquivo editorial, cooperar em *brainstormings* e enviar exemplares para autores, tradutores e editoras originais (no caso de traduções). Não são tarefas que justifiquem um aprofundamento especial neste relatório, dado não foram realizadas de forma sistemática, não resultando portanto no mesmo nível de apuramento que consegui com a revisão¹⁷. No entanto, ajudaram-me a crescer, sobretudo pela possibilidade privilegiada de observar os «bastidores» do mundo editorial e poder assim reflectir sobre coisas que ainda não me tinham ocorrido, o que impele novas pesquisas.

Para mencionar apenas duas, uma das experiências que mais recorro com entusiasmo trata-se do lançamento do livro *A Confiança no Mundo: Sobre a Tortura em Democracia*, de José Sócrates, com apresentação de Lula da Silva e Mário Soares. Embora editado pela Verbo, foi-me feito o convite para colaborar no evento mediante colegas da Divina Comédia que trabalham em simultâneo para a Babel, a sociedade *holding* editorial que é dona da Verbo. Sem dúvida o maior lançamento dos últimos anos, reuniu centenas de pessoas e membros da comunicação social.

Da minha parte, auxiliei com a venda de livros em dois pontos de venda localizados em andares diferentes, alternando entre um e outro conforme uma das bancas ficava mais congestionada. Ao todo, vendemos 661 livros em cerca de cinco horas, um feito impressionante para seis vendedores (eu incluída); mas mais importante do que isso, foi poder observar grande parte da envolvente: o tipo de público atraído; o seu comportamento; o grau de atenção que prestavam a este ou outro ponto da programação (e tentar perceber porquê); o quanto depende do carisma do próprio sujeito, por melhor que sejam as técnicas de *marketing* (e nesse aspecto José Sócrates é insigne), etc. Mesmo os cuidados mais pequenos se me afiguraram interessantes, como a forma específica de ensacar os livros para dar ao comprador (deitados e de lombada para baixo, para não estragar as páginas), e a decisão de disponibilizar vários exemplares previamente autografados para quem não quisesse comparecer à sessão de autógrafos (como pessoas idosas e com menos energia).

¹⁷ A modernização do romance dos anos 30 é uma excepção. Era minha intenção apresentá-lo em grande destaque neste relatório, mas questões contratuais mal resolvidas levaram a um pedido de confidencialidade. O livro está pronto a publicar, mas temporariamente engavetado.

Ajudar na escolha de capas também foi uma experiência interessante, principalmente pelo misto de estratégia e gosto pessoal que revelou. Como constatei, é impossível obliterar o gosto pessoal na edição, dado que esta é uma afirmação do próprio editor. Teoricamente, só se edita aquilo que na opinião do editor vale a pena, pelo que própria ideia de gosto pessoal fica necessariamente implícita (mesmo que os critérios sejam principalmente estratégicos). O importante é ter como justificar cada opção, e, no caso das capas dos livros, considerar também o leitor, isto é, o público-alvo.

Naturalmente, também há convenções no que diz respeito às capas dos livros: título em letras grandes, nome do autor em maior ou menor destaque conforme a sua notoriedade, tons mais vivos ou escuros de acordo com o *mood* da narrativa, etc. Evoco o romance de cordel dos anos 30, cuja capa continha tons estereotipadamente masculinos e elementos clichê mais encontrados num policial. Quando fiz notar à directora de produção a suposta dissonância entre o verdadeiro género e a semiótica do *design*, que não transmitia a ideia do romance quase conto de fadas de que a obra se tratava, esta concordou comigo e ficou alarmada. Todavia, convocámos a editora de ficção, Paula Caetano, que rapidamente dissipou a nossa preocupação, expondo a subtilidade da segmentação: embora o romance fosse dirigido a adolescentes e pudesse ser lido nos tempos actuais (daí a modernização da linguagem, feita por mim), havia sido escrito para as adolescentes da geração das nossas avós, que seriam novamente as principais compradoras graças ao factor nostalgia. A capa era relativamente irrelevante para elas (convindo até que não fosse demasiado infantil): o próprio título venderia, porque mantinha ainda «product recognition» (a capacidade de um produto ser rememorado pelo público, graças à eficácia da sua comercialização). Em circunstâncias normais, eu teria razão, mas cada situação deve ser analisada caso-a-caso.

Ao todo, devo dizer que muito me satisfaço com a minha experiência. Provei do «buffet» editorial e saí com várias impressões, imagens, sensações e informações estampadas na minha memória. Podendo, escreveria mais, mais creio já ter feito uma representação substancial do que foi a minha experiência.

CONCLUSÃO

Quando é que o indivíduo se torna num bom profissional? Quiçá quando já não precisa de se lembrar do que aprendeu para o ser, porque absorveu tudo como uma segunda pele. De facto, muito já está comigo a tempo inteiro, parte da pessoa que eu sou, mas não tudo. Na edição, a experiência é rainha, portanto nunca tive pretensões de concluir o estágio em estado pleno de conhecimento. É preciso trabalhar mais, viver mais, acertar e errar abundantemente. Acima de tudo, é preciso continuar a aprender, que foi sempre o meu objectivo, mais do que brilhar academicamente. Caso contrário, não daria o flanco e admitiria alguns dos meus erros, o que considero importante para uma evolução assídua e honesta.

Termino esta experiência com boas memórias. Infelizmente, alguns constrangimentos que só à Divina Comédia dizem respeito impediram-me de escrever abertamente sobre várias coisas ou certos «porquês». Ainda assim, muito devo a esta editora, cuja equipa me acolheu calorosamente e com paciência, ensinando e apoiando.

Cada vez mais valorizo o bom profissional: o bom autor, o bom editor, o bom tradutor, o bom revisor, o bom publicitário... O livro é demasiado importante para alguém debilitar a sua cadeia de produção. Há sempre esperanças por materializar, sonhos a realizar, desejos nem sempre revelados e metas a alcançar.

Portanto um bem-haja a quem ao livro se dedica, que, após ver de perto tantos desafios e tribulações, é genuinamente o sentimento que por último me fica. É essa a minha conclusão: podem vir os livros comerciais, podem vir as posturas cínicas, mas é impossível ser-se mercenário nesta indústria. O livro não enriquece ninguém em Portugal.

É simplesmente um trabalho de amor.

BIBLIOGRAFIA

BAILEY, Herbert S. Jr. (1990). *The Art and Science of Book Publishing*. 1.^a ed. Athens: Ohio University Press.

CAMBRAIA, César Nardelli (2005). *Introdução à Crítica Textual*. 1.^a ed. São Paulo: Martins Fontes Editora.

FARIA, Maria & PERICÃO, Maria da Graça (2008). *Dicionário do Livro: da Escrita ao Livro Electrónico*. 1.^a ed. Coimbra: Edições Almedina.

GREETHAM, D. C. (1994). *Textual Scholarship: An Introduction*. 2.^a ed. Nova Iorque: Garland Publishing.

GUTHRIE, Richard (2011). *Publishing: Principles and Practices*. 1.^a ed. Los Angeles: Sage Publications.

JACKSON, Kevin (2000). *Invisible Forms*. 1.^a ed. Nova Iorque: St. Martin's Press.

KELEMEN, Erick (2009). *Textual Editing and Criticism: An Introduction*. 1.^a ed. Nova Iorque: W. W. Norton & Company.

NIDA, Eugene A. & TABER, Charles R. (2003). *The Theory and Practice of Translation*. 1.^a ed. Boston: Brill Academic Publishers.

ANEXOS

PLANO DE ESTÁGIO NA DIVINA COMÉDIA EDITORES

Por: Cláudia Vasconcelos Duarte (n.º 38881),
Mestrado em Edição de Texto

Lisboa, Setembro de 2013

Com o objectivo de honrar a modalidade de componente não lectiva do mestrado de Edição de Texto, a aluna supracitada prestou-se à realização de um estágio curricular na recentemente criada **Divina Comédia Editores**, de modo a consolidar as competências científico-académicas adquiridas no decurso do primeiro ano lectivo, agora num contexto profissional e conformemente reflexivo do mercado.

Tal será conseguido sob a mediação de um orientador pertencente ao quadro docente do mestrado, nomeadamente o professor Fernando Cabral Martins, e um responsável indicado pela instituição de acolhimento, a editora Paula Caetano, do departamento de ficção.

Assim, em concordância com os orientadores já mencionados, delineou-se a seguinte lista de tarefas, perspectivadas de antemão de acordo com as necessidades da editora e o treinamento da mestranda. As tarefas são:

- Leitura de obras e elaboração dos respectivos relatórios de leitura;
- Revisão de textos em formato digital;
- Revisão de textos já paginados;
- Tradução de pequenos textos para capas;
- Redacção de textos para capas;
- Contactos com *designers* para a realização de capas;
- Análise de contratos de edição;
- Elaboração de orçamentos de viabilidade editorial;
- Apoio na comunicação e no *marketing* editorial;
- Tratamento de bases de dados;

Anexo 1

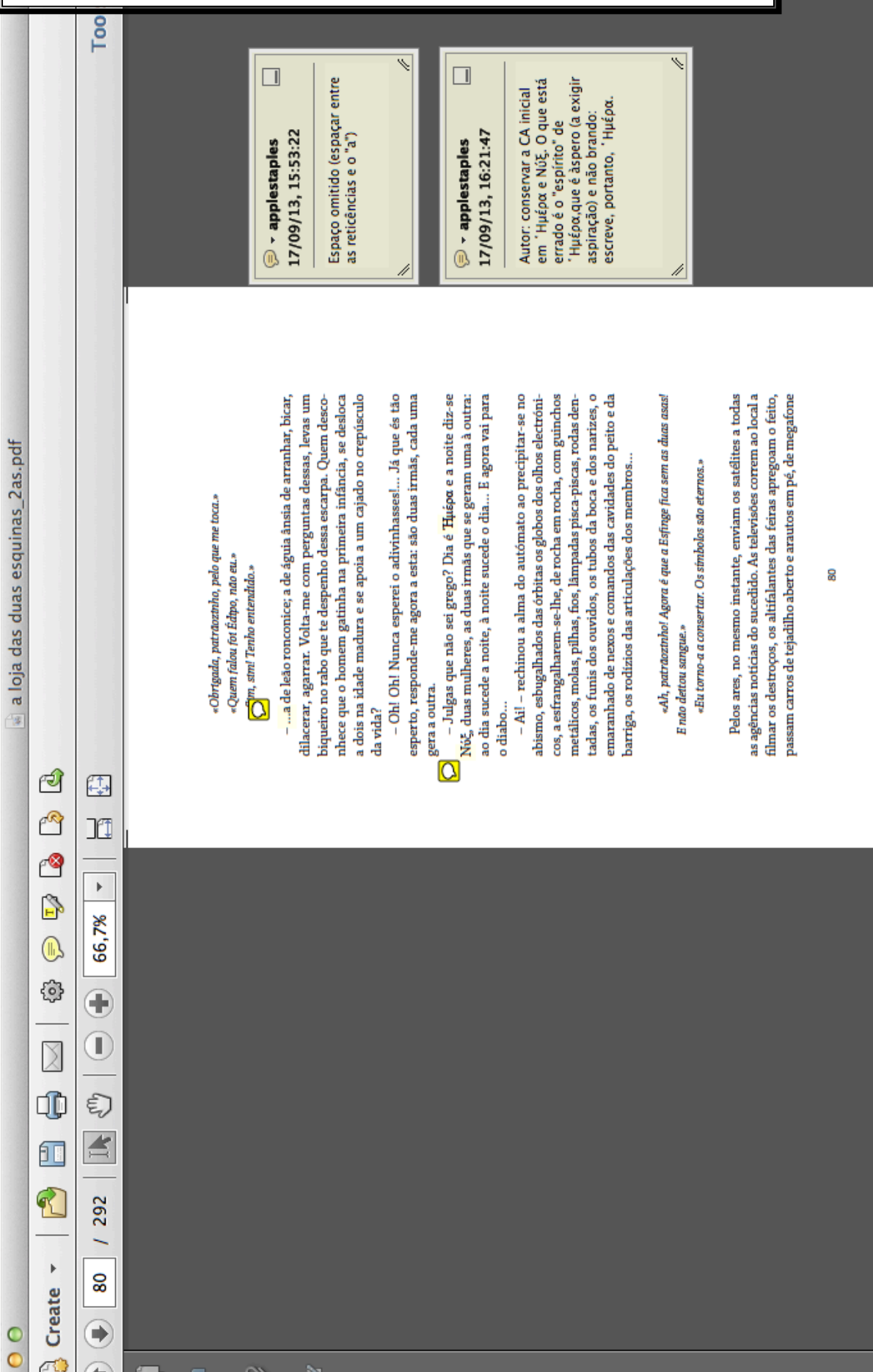
Plano de estágio na Divina
Comédia

- Apoio em apresentações e lançamentos de livros;
- Apoio no expediente geral da editora (como telefonemas, contacto com colaboradores externos, arquivo, etc.)

De notar que a realização deste estágio assentará numa forte componente de flexibilidade, com particular enfoco na versatilidade e capacidade adaptativa da partícipe a quaisquer desafios espontâneos, assim como os sobreditos, dado implicar a coadjuvação numa editora pequena em emergência, com as devidas características deste tipo de perfil. Visa-se portanto a plena integração da estagiária no núcleo de profissionais da Divina Comédia, com início de funções a 17 de Setembro de 2013, das 14 às 19 horas.

Anexo 2

Reprodução das emendas no suporte em papel para o ficheiro pdf de *A Loja das Duas Esquinas*



«É um rebo, como tu lhe chamas, pode, por mais pequenino, con-
ter uma espécie de fotografia do que foi um simples verme há muitos
milénios. Vês este sexo? Uma centopeia deitou-se nele, ao sol, à beira-
-mar. Vêto o mar afogou-a, veio o sal colou-a à rocha, o corpo foi-se-lhe
consumindo, mas os ácidos do bichinho gravaram-se na pedra e cá ficou
fossilizado o retrato do mirríopode, esgotado, os pontos dos mil pés a
cabeça com as antenas e as mandíbulas, para todo o sempre, enqui-
não houver uma Rostriha que detete o rebo ao lha e ele se perca ...»
«Ora, patrão. Já chega de gozar comigo. Pronto, já percebi. Des-
culpe lá.»

«Claro que desculpo cá... e tu bem sabes que aprecio o teu tra-
balho.»

«Obrigada.»

«Estás habituada a respeitar as minhas velharias, a limpá-las
do pó, a conservá-las... lamparinas, candéas e candeieiros, castiçais,
luminárias de antes da electricidade, lucernas que foram as únicas
testemunhas de noites de amor... Queres ouvir o que diz um poeta?
Uma noite de amor escaldante, vai para dezasseis séculos:

... o meu torso sobre o torso da minha amada,
o seio contra o seio,
os lábios colados aos seus lábios de mel,
a pele com a pele...
Quanto ao mais, silêncio:
só a lucerna foi testemunha...

«O patriarado ensina-me cada coisa!»

«É como hoje. O amor é eterno. Já experimentaste?»

«Não, mas toda a gente fala... Deve ser bom...»

«Queres experimentar?»

«Ora! Não mague comigo.»


«Na tampa das lucernas esculpam-se não raro cenas eróticas...
Porque te ris?»

applestaples
17/09/13, 16:27:13

Suprimir o espaço (entre "perca" e as
reticências)

applestaples
17/09/13, 16:29:20

Fechas as aspas aqui (aspa depois das
reticências)

	Semana	CUSTO ALIMENTAR:
	PÁ DE BORREGO ASSADA	CUSTO ENERGÉTICO:

RECEITA nº 96

FICHA-TÉCNICA

Ingredientes	Unid: Medi	Quant.		Custo Aliment	Custo Energét:
			4		
G=0.03€					E=0.18
				Custo Total	
				10.88€	

Tempo de preparação: 10'

Tempo de cozedura: 40'

Utensílios = Tacho pequeno Tefal, varinha mágica,
tabuleiro de forno

Base: refogado, batata base

Custo total da receita: 10,88 €




Ingredientes:

- 1k pá de borrego = 7.95
- 4 Dentes de alho = 0.13
- Louro em pó Q.B = 0.08
- Salsa 4 C.S = 0.5
- Ervas aromáticas (tomilho, poejo, rosmaninho) = 0.09
- Pão ralado, 100gr = 0.2
- 100g de amêndoa picada=1.8
- 0.5l de vinho tinto = 2.30
- Hortelã 12 folhas =0.12
- Gengibre Q.B, em pó 10gr = 0.40

Anexo 3

Antes e depois, respectivamente, da receita de pá de borrego assada

	Semana	CUSTO ALIMENTAR:
	PÁ DE BORREGO ASSADA	CUSTO ENERGÉTICO:

- 150g Cenoura = 0.065
- Refogado 2 C.s = 100gr = 0.22
- Cubo Knorr de carne 1 = 0.16
- Água 2dl
- Maizena 12gr = 0.05
- 10cl de azeite= 0.05
- Sal e pimenta do moinho = 0.002
- Batata Base cortada aos cubos 300gr = 0.4

Desenvolvimento:

1. Limpar, cortar em 2 e preparar a pá de borrego para ser cozida ao vapor;
2. Preparar a cobertura: misturar miolo de pão com as amêndoas, as ervas aromáticas, a salsa e o alho, o todo finamente picado e barrar a pá de borrego.
3. Preparar no tacho pequeno o refogado base de cebola e as cenouras descascada e cotadas as rodela finas, os pés da salsa, o tomilho, o rosmaninho, o alecrim o louro, tudo ligeiramente refogado para que servira de tapete a carne que irá assar.
4. Levar ao forno pré-aquecido a 170º num tabuleiro a fim de alourar as peças de carne, 15´
5. Em seguida cobrir a pá com folha de alumínio, regar com a preparação feita no copo com a varinha mágica (o cubo de caldo Knorr, o vinho tinto, a maizena o alho descascado(3 dentes, o gengibre, o tempero) deixar assar para apurar o molho por mais 20´,
6. Finalmente retirar a folha de alumínio e juntar a batata base cortada aos cubos deixar aloirar por mais 10´
7. Coar o molho com o tapete e verificar o tempero do molho a quantidade necessária para o molho ficar untuoso.
8. Servir quente com o molho na molheira e decorado de hortelã.

Dicas: O “déglaçage” é extrair os sucos pegados e caramelizados da placas de assar através de vinho (tinto ou branco), Brandy, água e fundo escuro, para obter o suco do assado, o qual pode engrossar por meio de ligações, conforme explicado

Na foto aparece como legumes de acompanhamento feijão verde: será uma boa sugestão

Pá de borrego assada



Ingredientes (4 pessoas):

1kg	pá de borrego
4	dentes de alho
4 c. de sopa	salsa
100gr	miolo de pão ralado
100gr	amêndoas picada
½l	vinho tinto
12 folhas	hortelã
10gr	gengibre em pó
150g	cenouras
2 c. de sopa (100gr)	refogado
1	cubo de caldo de carne
2dl	água
12gr	amido de milho
10cl	azeite
300gr	batata base (cubos)
?	alecrim
q.b.	louro em pó, tomilho, poejo, rosmaninho, sal e pimenta

Tempo de preparação: 10'

Tempo de cozedura: 40'

Utensílios = Tacho pequeno Tefal, varinha mágica, tabuleiro de forno

Base: refogado, batata base

Custo total da receita: 10,88 €

Desenvolvimento:

1. Limpar, cortar em 2 e preparar a pá de borrego para ser cozida ao vapor;
2. Preparar a cobertura: misturar miolo de pão com as amêndoas, as ervas aromáticas, a salsa e o alho, o todo finamente picado e barrar a pá de borrego.

Apple 30/9/13 17:26

Comment [1]: Isto chega para a cobertura e para o refogado?

Apple 30/9/13 17:26

Comment [2]: Não mencionada na receita.

Apple 30/9/13 17:26

Comment [3]: Não mencionado na receita.

Apple 30/9/13 17:26

Comment [4]: Quantidade (ou é para trocar com o poejo?)

Apple 30/9/13 17:26

Comment [5]: Não mencionado na receita.


3. Preparar no tacho pequeno o refogado base de cebola e as cenouras descascada e cotadas as rodela finas, os pés da salsa, o tomilho, o rosmarinho, o alecrim o louro, tudo ligeiramente refogado para que servira de tapete a carne que irá assar.
4. Levar ao forno pré-aquecido a 170º num tabuleiro a fim de alourar as peças de carne, 15’
5. Em seguida cobrir a pá com folha de alumínio, regar com a preparação feita no copo com a varinha mágica (o cubo de caldo Knorr, o vinho tinto, a maizena o alho descascado(3 dentes, o gengibre, o tempero) deixar assar para apurar o molho por mais 20’,
6. Finalmente retirar a folha de alumínio e juntar a batata base cortada aos cubos deixar alourar por mais 10’
7. Coar o molho com o tapete e verificar o tempero do molho a quantidade necessária para o molho ficar untuoso.
8. Servir quente com o molho na molheira e decorado de hortelã.

Dicas:

O “déglacé” é extrair os sucos pegados e caramelizados da placas de assar através de vinho (tinto ou branco), Brandy, água e fundo escuro, para obter o suco do assado, o qual pode engrossar por meio de ligações, conforme explicado Na foto aparece como legumes de acompanhamento feijão verde: será uma boa sugestão

Apple 30/9/13 17:26

Comment [6]: Isto não é o mesmo que a cobertura já feita? Se sim, porque é que tem novos ingredientes, acrescentados só aqui — inclusivamente mais alho?

	Semana	CUSTO ALIMENTAR:
	HAMBURGUER COM MOLHO A CAFÉ	CUSTO ENERGÉTICO:

RECEITA nº 51

FICHA-TÉCNICA

Ingredientes	Unid: Medi	Quant.		Custo Aliment	Custo Energét:
			4		
Hamburgers já preparados e descongelados		4		N.C	
Dentes de alho picados grosseiramente	30gr	6		0.2	
Louro folha		2		0.003	
Manteiga	50gr			0.23	
Natas	200gr			0.42	
Maizena	12gr	½ Cs		0.2	
1 cubo Knorr de vaca				0.16	
Água	2dl				
1 bica de café	70gr	1		0.6	
Batata roxa para fritar	500gr			0.5	
G=0.03€					E=0.16
				Custo Total	
				2.35€	

Tempo de preparação: 6´

Tempo de cozedura: 8´para hamburger+15´p. batata frita- 32´ Max


Utensílios: 2 frigideiras tefal, varinha mágica

Bases: Hamburger anteriormente condicionado

Custo total da receita: 2,35 €

Anexo 4

Antes e depois, respectivamente, da receita de hambúrguer com molho de café

	Semana	CUSTO ALIMENTAR:
	HAMBURGUER COM MOLHO A CAFÉ	CUSTO ENERGÉTICO:

Desenvolvimento

- No copo da varinha juntar a bica de café a água as natas, a maizena o cubo Knorr e bater com a varinha. Reservar
- Na frigideira untado com 3 Cs de óleo, aloirar os hamburgers por 3' em lume forte. Reservar
- Na mesma frigideira que serviu para aloirar os hambúrgueres, acrescentar a manteiga, o alho picado as folhas de louro e deixar apurar em lume médio alto durante 3' tendo o cuidado de não deixar queimar o alho, juntar então o preparado do copo (água, natas, cubo Knorr, maizena) reservado e deixar apurar e ligar (5' a ferver) se achar o molho muito espesso não hesitar em lhe acrescentar água, verificar o tempero e juntar os hambúrgueres reservados e deixar aquecer de novo no molho durante 3.
- Noutra frigideira e entretanto fritar com óleo quente a 160º+/- introduzir a batata previamente descascada, cortada aos palitos de 1cm de lado, lavada em muito água, secar com papel de cozinha, e somente depois deste momento é que a D.de C. poderá juntar a batata ao óleo, deixar fritar até a batata estiver bem dourada, povilhar com sal fino e servir com o Hamburger e o molho.
- Servir bem quente

Dicas.

Esta solução é excelente para criar refeição fácil de confeccionar e de muito agrado.

No meu entender a qualidade residirá no tempo que a D.de C. irá dispensar para que tudo seja servido ao mesmo tempo

Hambúrgueres com molho a café

Ingredientes (4 pessoas):

4	hambúrgueres
6 (30gr)	dentes de alho picados grosseiramente
2	folhas de louro
50gr	manteiga
200gr	natas
½ c. de sopa (12gr)	amido de milho
1	cubo de caldo de vaca
2dl	água
1 (70gr)	bica de café
500gr	batata roxa para fritar
3 c. de sopa	óleo
q.b.	sal e pimenta

Tempo de preparação: 6´

Tempo de cozedura: 8´para hamburger+15´p. batata frita- 32´ Max

Utensílios: 2 frigideiras tefal, varinha mágica

Bases: Hamburger anteriormente condicionado

Custo total da receita: 2,35 €

Preparação:

- No copo da varinha juntar a bica de café a água as natas, a maizena o cubo Knorr e bater com a varinha. Reservar
- Na frigideira untado com 3 Cs de óleo, aloirar os hamburgers por 3´ em lume forte. Reservar
- Na mesma frigideira que serviu para aloirar os hambúrgueres, acrescentar a manteiga, o alho picado as folhas de louro e deixar apurar em lume médio alto durante 3´ tendo o cuidado de não deixar queimar o alho, juntar então o preparado do copo (água,natas, cubo Knorr ,maizena) reservado e deixar apurar e ligar (5´ a ferver) se achar o molho muito espesso não hesitar em lhe acrescentar água, verificar o tempero e juntar os hambúrgueres reservados e deixar aquecer de novo no molho durante 3.
- Noutra frigideira e entretanto fritar com óleo quente a 160º+/- introduzir a batata previamente descascada, cortada aos palitos de 1cm de lado, lavada em muito água, secar com papel de cozinha, e somente depois deste momento é que a D.de C. poderá juntar a batata ao óleo, deixar fritar até a batata estiver bem dourada, povilhar com sal fino e servir com o Hamburger e o molho.
- Servir bem quente

Apple 30/9/13 17:22

Comment [1]: Deveria ser q.b., para prevenir a diluição do molho espesso.

Apple 30/9/13 17:22

Comment [2]: Insuficiente. Isto chega para untar a frigideira onde se fritam os hambúrgueres, mas falta a quantidade para fritar as batatas.

Dicas:

Esta solução é excelente para criar refeição fácil de confeccionar e de muito agrado.

No meu entender a qualidade residirá no tempo que a D.de C. irá dispensar para que tudo seja servido ao mesmo tempo

Anexo 5

Amostra do trabalho de revisão em *Recados de um Anjo*

não era nada de estranhar, pois tudo comigo era raro. O rim já não estava a funcionar e eu fui medicada para me passar a infecção. Deveria voltar ao hospital quando já não tivesse febre. Tal acabou por não acontecer, pois, entretanto, rebentou a guerra e não se podia sair do país.

Ainda estive em África algum tempo após a guerra. A minha saúde ~~linha melhorado~~ já não tinha aquelas febres, mas ~~ainda tive de~~ passar por situações delicadas e horrorosas por causa ~~da guerra~~.

Quando penso no que vi nessa época ainda me vêm aos olhos algumas lágrimas, é como se ouvisse os gritos de horror a soar pelas ruas. Presenciei duas situações de que jamais me esquecerei.

Numa delas, estávamos em casa e atiraram uma lata com gasolina dentro, com um trapo a fazer de rastilho, por uma das janelas. A sala logo se incendiou de rompante. ~~Tal como o meu pai ordenou~~, saímos pelas traseiras, com os empregados lá de casa, que eram tratados como família, e o meu pai ficou com os homens que trabalhavam para ele a tentar salvar a casa.

E lá fomos nós, direitinhos à vivenda mais próxima, que era de um amigo da família, o Sr. Victor, que tinha uma enorme cave. Já tinham tudo combinado: se fosse preciso, era lá que nos iríamos todos esconder até passar a gravidade da situação.

Capítulo 3

O REGRESSO A PORTUGAL

Assim que aterrámos em Lisboa, só me recordo de ter muito frio – vinha com um vestidinho de alcinha e umas socas. ~~O frio era tanto~~ ^{o frio} que eu batia o dente. Nunca tinha sentido a sério o que era ter frio. Então, uma simpática hospedeira, já dentro do aeroporto, despiu o seu casaco de malha azul-escuro e vestiu-mo: «Veste, pequerrucha, que eu tenho mais, mesmo ali no meu cacifo.» Deu-me um beijinho na testa e desapareceu entre a multidão, nem me deu tempo de lhe agradecer.

Realmente o casaco soube-me bem. Às vezes, fazia frio lá na fazenda, mas não tinha nada a ver com o frio de Portugal. Estávamos em Maio e chovia muito. A tia dizia que era normal chover assim, que eram as trovoadas de Maio. Como chegámos de noite, fomos de táxi para casa da avó materna, que morava no Ribatejo. Ela já era muito velhinha, corcunda, cega de um olho e ~~andava só a passos muito lentos~~. Fiquei muito impressionada, sabia que era velhinha, mas não tanto.

cheias em Portugal. O rio Tejo transbordou as margens em vários pontos.

Diziam as pessoas entendidas no assunto que se tratava de uma calamidade: «Vai ser um Deus nos acuda, estamos em perigo aqui!»

Os vizinhos bateram à porta e disseram à minha mãe que tinha de levar tudo o que tinha para o sótão porque a água não tardava a invadir a casa, ~~pois estávamos~~ na zona ribeirinha e o Tejo ia galgar margem fora. Palavras de um pescador. E foi mesmo assim. A água era tanta que em pouco tempo a casa ficou inundada, de tal forma que do pouco que tínhamos e que levámos para cima nada escapou. A água chegou mesmo ao sótão da casa, que estava tão arranjadinho, e tivemos que sair pelo telhado, com a ajuda dos bombeiros.

Fechei os olhos, e lembrei-me das palavras doces do anjo: «Vais ficar nessa casa por pouco tempo.»

Realmente, foi perto de um ano. Naquela hora, quando empurrava a minha mãe com força, para a ajudar a sair pelo buraco aberto nas telhas, só ouvia aquela voz dentro da minha cabeça.

Quando ia para sair, ainda voltei atrás para ir buscar a minha Bíblia, que me fora oferecida pela avó São. Ainda estava enxuta, em cima de um guarda-fatos. Só depois é que saí ~~com a maior ligeireza e com a minha Bíblia~~ Lá

o mais depressa possível. H

devagar, pois os materiais eram muito caros e eu não me podia dar ao luxo de desperdiçar um centavo. Eu tinha pena de não pintar sempre que tinha vontade, mas não tinha materiais para tanto, era tudo muito contadinho.

Chegou, então, um certo dia na minha vida que fez a diferença. Estava a trabalhar no quartel dos bombeiros e apareceu o Sr. João, o cauteleiro, que era hábito aparecer todas as semanas para vender jogo. Naquele dia fez questão de que eu ficasse com o resto do bilhete, que ainda eram muitas cautelas. Eu disse-lhe que não podia, que não tinha como lhe pagar. O Sr. João pôs-me a cautela na mão e fechou-a, apertando-a com a sua: «Filha, fica com ela, se não te sair nada, eu para a semana levo de volta.» E desceu as escadas sem eu poder dizer mais nada.

Na verdade na semana seguinte eu estava rica! Foi maravilhoso. «Que bom!», pensava eu. Já não precisava de passar fome, ou de fingir que não tinha fome, e de comer os restos dos pratos dos meus colegas. Tinha ganho dois mil e quinhentos contos, o que há trinta anos era muito dinheiro.

Passei muita fome e hoje dou valor a tudo o que tenho – na minha casa não se estraga comida, tudo se transforma e mata-se a fome a quem a tem. Aprende-se muito com tudo o que vivemos, faz parte do crescimento da pessoa como ser humano.

Capítulo 7

O TRABALHO

Agora eu já estava mais acompanhada e isso dava-me força para retornar à vida, ainda mais com a tarefa que me estava destinada. Só desabafei com uma amiga que tinha falado com o anjo e contei-lhe o que tinha de fazer da minha vida. A Isabel também ficou preocupada, por causa do meu marido, pois conhecia bem a nossa vida.

No dia a seguir fui à procura de um espaço para montar o consultório de tarot. Encontrei um local agradável, embora não fosse bem aquilo que tinha em mente. Era um quarto andar sem elevador, o que dificultaria o acesso de pessoas com mais idade, mas ~~pensei~~ ^{concluí} que tinha de começar e que ~~podia~~ ^{concluí} ser ali.

Foi uma ~~correria~~ ^{concluí} contra o tempo. Primeiro tive de fazer uma enorme limpeza. Depois, ~~foi pintar~~ ^{concluí} as paredes, para dar um ar renovado, que a casa bem precisava.

Foi a dona Emília que pagou a tinta e o pintor – o meu amigo João Jeremano (que Deus o tenha em descanso).

✓
por eu estar
H x ✓
H deviam ✓

à espera de nova ~~da~~ visita e nada, e nada, até que acabei novamente por entrar na rotina.

✓
H x H x H x
Porém, nada aconteceu
+ durante
H x ✓

No colégio, tínhamos ~~as~~ aulas ~~todas as~~ manhãs, e à tarde, cumpríamos tarefas domésticas e não só tínhamos actividades que só as meninas «de bem», como se dizia, tinham de saber fazer, como *ballet*, ginástica, natação, equitação, patinagem artística, pintura, jardinagem e bordados.

As tarefas domésticas consistiam em ajudar na cozinha para, mais tarde, sabermos cozinhar, limpar o pó, lavar as casas de banho, estender roupa a preceito, fazer arranjos florais que encantavam qualquer olhar, limpar os próprios quartos, fazendo as camas de lavado, limpar os vidros até parecerem transparentes e, por fim, decorar todas as orações na capelinha do colégio.

1 x ✓
H x sem ✓
1, ✓

Não era nada fácil a nossa vida no colégio, tínhamos sempre coisas para fazer e, quando não tínhamos, inventavam-nas. Então, havia uma regra: todos os dias, cada quarto pelo seu número ficava encarregado de uma tarefa. Como eu era a mais traquina das internas, andavam sempre de olho em mim, quase ~~nem respirar podia~~. Era demais, se não fosse a minha amiga Verónica e as nossas brincadeiras, as coisas teriam sido bem piores para mim. Mas, com a Verónica por perto, divertia-me muito.

+ a nossa instituição, pois
de modo que
mas com ela
H x ✓

À tardinha, saíamos as duas de mansinho, sem ninguém ver, pelas traseiras do colégio, onde havia animais

nem podia respirar.

Emendas 2^{as} parvas

franceses, marinheiros
e Republicanos?

Tiraram uma gaveta. Ouviu-se um bater sumido, no interior. O que seria? Não viam nada.

Levaram a gaveta para debaixo da telha de vidro. Por fora, muito pó. Por dentro, o castanho suave da madeira de carvalho.

– Olha...

O fundo deslizava. Um fundo falso.

O que esconderia? Ouro? Pedras?

Peças talhadas em osso.

Um conjunto de varas com as extremidades à feição de gancho. Eram delgadas com menos de um palmo de comprimento. Havia uma diferente, rematada por uma pequena maçaneta. E a mais curta de todas, tinha uma das pontas fendida. A outra, muito aguçada.

Intrigados. Diogo mais que Margarida.

– O que será isto?

Agulhas de fazer meia. Um jogo quase completo.

Numa ocasião em que o fundo falso ficara mal corrido, as agulhas tinham caído. Uma a uma. Ficaram perdidas.

– O que alguém as deve ter procurado!
Quem?

Anexo 6

Amostra do trabalho de revisão em *Franceses, Marinheiros e Republicanos*

A ordem deixada pelo general Antas era que prevenissem surpresas.

Vindas de onde? Da Galiza? De Inglaterra?

Sabia-se lá.

– Mantenham-se no terreno. Espalhem-se por aí...

Pelo Minho, por Trás-os-Montes. Organizassem bem a guerrilha.

– Enquadrem as revoltas populares, sempre de olho no Porto... e posições a defender não lhes faltarão.

A bordo racionara-se a água.

Homens com febre. Algumas diarreias. O paiol dos medicamentos a esgotar-se.

– Para Norte! – decidira o capitão.

O Cavado. O Lima.

Viana.

O doutor Pinto Botelho acompanhou os doentes ao Hospital da Misericórdia.

Recolheu ligaduras. Boiões e frascos de simples. Ser-lhe-iam muito necessários, daí em diante.

Depois, andou de botequim em botequim. Perguntava por um almocreve. Por um recoveiro que lhe levasse uma carta para Lisboa.

Estaria louco?

Separaram-se em grupos.

Os pinhais da beira-mar, até Caminha. As serras. Pico de Santa Luzia, Peneda, Argas.

As chuvas que interromperam a seca. Que puseram ribeiros a correr por onde não se esperava.

E as primeiras balas. Vindas de través. De um bando que, pelo fugir, suspeitaram ser de salteadores.

– Na caixa à saída da sala, se faz favor.

A senhora afastou-se com a «novidade» na mão. Mais de quinhentas páginas. Capa vistosa, título a ouro.

– ...você devia passar um pouco de blush na cara. Só um pouquinho!

itálico

Ajeitava-lhe algumas madeixas para a testa.

– Em a gente se arranjando, a vida logo melhora. Deixe ver...

Despregou-lhe da camisola a placa de identificação. Pô-la no colete, em linha com o bolso.

– Astral para cima, Lara!

LARA MATEUS

Assistente de loja

Ninguém como o Rudi para a animar. Um querido.

Não esperasse, porém, nenhuma rapariga que ele fosse além disso.

Ao fundo da sala, o homem que observava os livros retirara um da prateleira. Folheava-o.

Não tardou a encaminhar-se para o balcão. Deu os bons dias ao mesmo tempo de Lara. Ela acrescentou:

tracaa por nifen

– Posso ajudar?

Ele pousara o livro. *O Sítio da Mulher Morta*. Poucas páginas, umas quarenta.

– É só o que tem deste autor?...

10x

Voz tranquila. Boa figura, já muitos cabelos brancos.

Aflicção da Lara: o computador?!

Arrancara! O browser da loja no ecrã. «Agora é ir à base de dados...»

(it)

– Outros livros?...

Segunda-feira, 7 de Outubro de 1923.

Foi o primeiro dia de trabalho do novo Presidente.

10

Na manhã de 5 de Outubro, Manuel Teixeira Gomes fora ao Parlamento jurar a Constituição.

À noite estivera em São Carlos, assistindo a um concerto de gala.

Recolhera à Gibalta. E no dia seguinte, domingo, pôs em ordem os seus papéis. Arrumou livros. Recebeu alguns amigos.

Agora, ali estava.

Com ele:

– O meu criado particular.

Argelino. Ainda jovem e belo.

«De uma beleza magnífica!», notara Teixeira Gomes. Anos antes, em Paris.

Amokrane era nessa altura o valet de João Chagas, Embaixador de Portugal.

(14)

O criado do Presidente impunha a distância.

Não fazia namoro às criadas. Nem alinguentava as tretas em pas compris que lhe propunham os ajudantes da cozinha.

(14)

Evitava Virgínia. Sabia que agradava à tradutora de francês. Mas isso não lhe interessava.

Se ela permanecia a trabalhar no gabinete do Presidente, trazia-lhe uma chávena de chá. E diluía-se na sombra.

Era por intermédio de Berta que recorria às despensas, à lavandaria, aos jardineiros. Ou que, sendo preciso, se relacionava com outro pessoal do Palácio.

Embora forçado, o trato de Amokrane com a Ecónoma era formal: «Permettez-moi, madame...», «...merci, madame.»

Afastava-se sem justificar o pedido de outra muda de lençóis. Nem a troca dos crisântemos das jarras por dalias vermelhas.

Num bar, no Bairro Alto.

– Lá para o cimo da rua da Rosa... E você?

– Continuo...

Mais seis meses, e logo se veria.

– E o gerente daqui, da loja?...

As implicações do costume.

– Tem um bocadinho de poder, não é?

Um bocadinho do Brasil.

Um bocadinho de Lisboa.

– ...e você, Lara, está uma lindeza!

Um olhar admirável, de quem pensava coisas bonitas.

– Na hora da saída, quer tomar um cafezinho juntos?

Iria. Mas...

– É...

Um homem. O cliente dos cabelos brancos lá fora, à sua espera.

– Ah! O seu coração...

– O coração...

Era só um músculo, dentro do peito. E ele, o homem que passava por ali para comprar livros, descobrira tudo o mais. O lado de fora do peito. A boca. Os beijos que se dão. E se pedem, porque todo o corpo os deseja.

– A sabedoria da idade. Né?

– Eu não tenho complexos, Rudi. Mas tenho medo que, um dia...

Ele deixasse de lhe ligar.

– Não perca agora, moça! Deixe dar um jeito, no seu maquiagem...

Fim de tarde quente.

Sugestão: trocar
por "maquiagem",
que é a palavra
mais comum no
Brasil.
Ha sua
10/

9h00. Pergunto-me se a Una e o Geoffrey Alconbury nos deixariam pôr um toldo no relvado deles para a receção – Aaah! Aí vinha a minha mãe, a entrar ousadamente no meu café, vestida com uma saia pregada da Country Casuals e um ~~casaco~~ blazer verde-maçã com botões dourados brilhantes, como um astronauta que entrasse no Parlamento a pingar esguinchar uma coisa lama viscosa, e se sentasse até se sentar tranquilamente na fila da frente.

*

– É verdade, ele disse que se me apanhasse outra vez a fumar erva me tirava o apartamento. E eu disse-lhe: “Foda-se, papá” –, enquanto o ~~aborrecido~~ filho de seis anos tirava batatas fritas de um prato com ar infeliz.

*

– Supostamente, estamos num país livre. Se começam a dizer que não podemos caçar nem aos domingos, onde é que isto vai parar? Raios!

– Bem, podia-se dizer o mesmo das ~~acerca das~~ pessoas que têm manterem escravos, não? – murmurei. – Ou que cortam as orelhas aos gatos. Não me parece muito cavalheiresco, um bando de pessoas e cães a perseguirem uma ~~pequena criatura~~ criaturazinha assustada só por diversão.

– Já alguma vez viu o que uma raposa faz a uma galinha? – vociferou Sir Hugo com o rosto corado vermelho. – Se não as caçarmos, ~~invadirão~~ invadem os campos.

– Então, disparem sobre elas – disse eu, lançando-lhe um olhar assassino. – Humanamente. E cacem outra coisa qualquer aos domingos, como nas corridas de galgos. Prendem a um ~~cabo~~ animalzinho felpudo de pelúcia a um cabo impregnado de com cheiro a raposa.

*

Quando lhe explicava que aquilo era como adotar a mentalidade ganhadora defendida em *Os Sete Hábitos das Pessoas Muito Bem Sucedidas*, o telefone voltou a tocar.

– Deixa tocar – disse o Mark.

– Bridget. É a Jude. Atende. Acho que fiz asneira. Telefonei ao Stacey e ele não me respondeu à chamada.

Atendi.

– Bem. Talvez ele ~~tenha saído~~ esteja fora.

– Desalmado De si, tal como tu – disse o Mark.

– Cala-te – sussurrei sibilai, enquanto a Jude contava a história. – Olha, tenho a certeza de que ele vai ligar amanhã. Mas, se não ligar, recua uma das fases do namoro de *Marte e Vénus*.

*

Anexo 7

Amostra do trabalho de revisão de tradução
em *Bridget Jones: No Limite da Razão*

Apple 29/10/13 14:37

Comment [1]: Um blazer é um tipo específico de casaco. Além disso, é um estrangeirismo comum no nosso falar popular. Croissant não é traduzido simplesmente como pão, pois não?

Apple 29/10/13 21:42

Comment [2]: Original: “SQUIRTING”, não “trickling” or “dropping” (maiusculização minha)

Apple 29/10/13 14:44

Comment [3]: Original: “slime”

Apple 29/10/13 14:57

Comment [4]: Original: “while her six-year-old child picked MISERABLY at a plate of chips”

Apple 29/10/13 16:26

Comment [5]: Original: “you could say that about people keeping slaves”

Apple 29/10/13 16:39

Comment [6]: Original: “little fluffy animal” Acrescentei “de pelúcia” porque o público português, na sua generalidade, não está familiarizado com as corridas de galgos, e que implementam lebres ou coelhos artificiais. Assim fica bem demarcado que a Bridget não defende que se dê “descanso” à raposa à custa de outro bicho qualquer (por protecção à espécie, por exemplo), mas sim que está pela defesa dos direitos animais, ponto final.

Apple 29/10/13 17:22

Comment [7]: Original: “I picked up. ‘Well, maybe he’s out.’ ‘Of his mind just like you,’ said Mark.” Claramente o Mark faz um trocadilho, deturpando a resposta da Bridget à amiga para lhe criticar o comportamento. Estar “out of his/her/your mind” é uma expressão corriqueira em inglês, assim como estar “fora de si” em português. Mas “sair desalmado”?? Além de se perder o trocadilho, não faz sentido.

Apple 29/10/13 17:22

Comment [8]: Original: “hissed”

Acabei por saber que haviam arranjado um esquema degradante no qual, todas as semanas, eu tinha de experimentar uma profissão diferente e ~~depois estragaria tudo~~ **fazer merda da grossa** ~~em~~ numa roupa correspondente. Naturalmente, disse-lhe que era uma jornalista profissional e séria e que não estava disposta a prostituir-me dessa maneira, ao que ele ficou muito chateado e disse que iria reconsiderar qual era o meu valor para o programa, se é que tinha algum.

*

– Oh, por amor de Deus! – bufou a Shaz, agarrando no copo de Chardonnay. – Não leste *Contragolpe*? Ele não passa de um ~~escriitorzeco assalariado~~ **mercenário incompetente** sem moral, que recicla a antiga propaganda **misógina das massas convervadoras antifeminista** para manter as mulheres **subjugadas** como *escravas*. Espero que ele fique prematuramente careca.

*

– Provavelmente, está apenas a tentar desimpedir a loja – disse ela, entusiasmada. – Nunca conheci um homem que, secretamente, ~~não dessejas~~ **seja da opinião que merece** ser apaparicado como o seu pai ~~fora~~ **foi** pela mãe, por muito evoluídos que finjam ser.

*

– Quer dizer, foi tão engraçado – dizia a Rebecca, rindo-se, ~~afetada~~, **afetuosamente** na cara do Mark.

*

– Muito bem – disse o Mark. Abriu uma das portas do armário de aço inoxidável, ~~reparei~~ **reparou** que havia um caixote do lixo preso à porta, voltou a fechá-la, abriu outra porta e olhou surpreendido para uma máquina de lavar louça. Olhei para baixo, com vontade de rir.

*

Apple 29/10/13 17:47

Comment [9]: Original: "fuck it up"

Apple 29/10/13 18:34

Comment [10]: Original: "He's just a moral-free hack, recycling woman-bashing, middle-England propaganda to keep woman down like slaves." Enfim, acho que mesmo os insultos devem ser traduzidos fidedignamente. A Shaz não pega pelo facto de ele ser um profissional assalariado, mas sim uma fraude no que faz, a dirigir-se deliberadamente ao mínimo denominador comum. E embora tenham implicações em comum, "woman-bashing" não é exactamente o mesmo que "antifeminista", porque o último refere-se a uma escola de pensamento (vai dar *quase* ao mesmo... mas falta-lhe o quase). "Middle-England" é mais difícil de traduzir, mas não deve ser ignorado por causa disso.; refere-se à classe média inglesa de direita, isto é, o cidadão comum inglês.

Apple 29/10/13 20:43

Comment [11]: Original: "I've never met a man who didn't secretly think he should be looked after like his father was by his mom" Isto referencia mais do que desejo. Implica sentido de direito também.

Apple 30/10/13 00:44

Comment [12]: Original: "laughing full in Mark's face AFFECTIONATELY." (maiusculização minha) Que erro crasso, crasso!

Apple 30/10/13 01:27

Comment [13]: Original: "He opened one of the stainless steel cupboard doors, noticed it had a bin attached to it, then" O sujeito é o Mark. A frase começa com a perspectiva dele e não menciona a Bridget.

– Conheço uma pessoa que, certa vez, dormiu com um turco – disse a Jude. – E ele tinha um pénis tão grande que não era capaz de ir para a cama com ninguém.

– O quê? Pensei que tinhas dito que ela dormira com ele – disse a Shazzer, sem desviar os olhos da televisão.

– Dormiu com ele, mas não fez aquilo – explicou a Jude.

– Porque ela não podia, porque o coiso dele era demasiado grande – disse eu, apoiando a **anedota** **historieta** da Jude. – Que coisa terrível. Achas que isso varia com a nacionalidade? Quer dizer, achas que os Turcos...?

*

– É só uma questão de tempo – disse animadamente a Shaz, retirando dos sacos uma garrafa de Chardonnay, três pizzas, duas caixas de **gelado** **chocolates** Häagen-Daaz, **sabor Pralines and Cream**, e um pacote familiar de Twix.

*

– Mas, na verdade – a Jude inclinou-se para a frente, **confiante** **confidencialmente**, ainda que não estivesse ali mais ninguém –, cruzei-me com eles na Conran Shop, no sábado. E riam-se enquanto observavam talheres, como um casal de Casados Convencidos.

*

O Wellington, longe de ser uma vítima trágica do imperialismo cultural, parecia muito à vontade num dos fatos do meu pai dos anos 50, assemelhando-se a um dos empregados do Met Bar em dia de folga, e respondendo com uma graciosidade digna enquanto a minha mãe e a Una se agitavam em seu redor como **fãs** **assanhadas**. Cheguei tarde e, por isso, troquei com ele apenas umas breves palavras apoloéticas no intervalo.

Apple 4/11/13 21:09

Comment [1]: O original é de facto “anecdote”, portanto não está tecnicamente errado. Mas os ingleses usam esta palavra muito mais para o sentido de narrar uma história interessante do que nós, que temos transformado “anecdota” praticamente em sinónimo de “piada”; e isto do turco com pénis grande é claramente uma curiosidade, não uma piada. Com “historieta” fica mais claro.

Apple 5/11/13 00:44

Comment [2]: Original: “HagenDaaz PRALINES AND CREAM” (maiusculização minha)
Em primeiro lugar, pralines = pralinas, isto é, AMÊNDOAS CONFEITADAS.
Segundo: cream = nata.
Terceiro, a HagenDaaz é uma marca de GELADOS, não de chocolates!

Apple 5/11/13 02:08

Comment [3]: Wtf. O original é “CONFIDENTIALLY” (maiusculização minha)

Apple 5/11/13 04:30

Comment [4]: Original: “groupies”
Tipo particular de fãs que procura dormir com quem admira.

Frase LEAD: E SE O SEU ASSASSINO NÃO FOSSE SÓ DE CARNE E OSSO?

Nas margens do rio Baztan, num dos enclaves mágicos do País Basco, é encontrado o corpo despido de uma adolescente, num rol de assassínios em série com simbolismos psicosexuais.

Amaia Salazar, inspetora de homicídios, é destacada para dirigir a investigação. Tem assim de regressar à terra de que é simultaneamente filha e desertora, assombrada por um terrível segredo de infância.

Não perca este romance já traduzido para 20 línguas, que combina misticismo com investigação policial, explorando magistralmente a psicologia dos seus personagens.

“Poderoso e brutal. A não perder.”
Ramon Ventura, *El Periódico*

Anexo 8

Proposta de texto de contracapa para *O Guardião Invisível* e contracapa final, respectivamente

UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE 2013

Nas margens do rio Baztán, no vale de Navarra, é encontrado o corpo nu de uma adolescente, em circunstâncias que o relacionam com um assassinato ocorrido um mês antes. Amaia Salazar, inspetora de homicídios, é incumbida de dirigir uma investigação que a levará de volta a Elizondo, a pequena povoação onde nasceu e da qual tentou fugir durante toda a vida.

Confrontada com as dificuldades do caso e atormentada pelo fantasma de um obscuro segredo que lhe marcou a infância, a investigação de Amaia é uma corrida contrarrelógio para encontrar o assassino que perturba a tranquilidade dos habitantes de Elizondo.

O Guardião Invisível é já um fenómeno editorial e vai ser adaptado ao cinema por Peter Nadermann, o produtor dos filmes da trilogia *Millennium*, de Stieg Larsson. Este romance policial original e envolvente irá surpreender os leitores.

"Um *thriller* com todos os ingredientes para ser um *bestseller*."

L'Humanité

"Um magnífico romance policial! Prende-nos desde a primeira página."

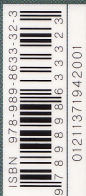
Rosa Mora, *El País*



DIVINA COMÉDIA
editores

WWW.DIVINACOMEDIA.PT

ROMANCE



01211371942001

Assunto: RE: Recados de um Anjo — texto de contracapa
De: Paula Caetano <(omitido)>
Data: 27/11/13, 17:21
Para: "(omitido)@hotmail.com" <(omitido)@hotmail.com>

Obrigada, Cláudia.



Paula Caetano

DIVINA COMÉDIA editores
rua da conceição da glória, 75
1250-080 lisboa - portugal
tel: [00 351] (omitido)
tlm: [00 351] (omitido)

(omitido)

www.divinacomedia.pt

www.facebook.com/divinacomediaeditores

Anexo 9

Mensagem de *e-mail* a Paula Caetano com proposta de texto de contracapa para *Recados de um Anjo* (e resumo da narrativa, para contextualização da supracitada) e texto de contracapa final (na loja *online* da Bertrand), respectivamente

De: (omitido)@hotmail.com [mailto:(omitido)@hotmail.com]

Enviada: 27 de novembro de 2013 17:17

Para: Paula Caetano

Assunto: Recados de um Anjo — texto de contracapa

Frase lead: Guiada por anjos no céu para ser o nosso anjo na Terra

"Desde cedo que Manuela percebeu que era diferente. Embora levasse uma vida comum, era contudo dotada de poderes sobrenaturais e acompanhada por seres místicos, assim escolhida pelos céus para ajudar o próximo. Mas a quem muito foi dado, muito será cobrado, e Manuela passaria por incontáveis provas, desde a guerra colonial à violência doméstica.

Esta é a história de vida de uma mulher especial e inspiradora. Uma ponte com a providência divina que atua em discrição e generosidade, sofrendo por nós, *como* nós. Não deixe passar a mão a quem lha estende a si, pois os verdadeiros missionários do Senhor são tão humildes como Ele."

O livro é basicamente uma auto-biografia, desde os problemas familiares de infância que se perpetuam até ao presente (sobretudo de incompreensão e intolerância devido aos "poderes" mediúnicos e divinatórios da autora), um período severo de internato, a fuga cruciante como retornada devido à guerra colonial, o preconceito em Portugal por ser retornada, as privações financeiras, a emancipação no final da adolescência (na verdade é expulsa de casa, mas consegue desenrascar-se) e o casamento desastoso. Esses são os pontos principais. De facto, vai sendo pontualmente visitada por anjos, sobretudo o anjo Gabriel, que normalmente lhe fala por meias palavras, e cujos conselhos são ocasionalmente ignorados por ela, até por nem sempre os compreender (principalmente na fase do casamento). E tem quase sempre a companhia de um espírito chamado Verónica, que é o seu grande apoio moral. Pouco é desenvolvido a

respeito da suposta ajuda que a autora dá aos outros, embora vários feitos sejam referenciados, mas é porque a finalidade do livro é mesmo fazer-lhe um apanhado geral da vida. Como tal, tentei puxar pelo ângulo dos "unassuming heroes", que não aparentam sê-lo por não terem nenhuma apresentação em especial, nem nada de obviedade, e são inspiradores justamente pela sua falibilidade enquanto humanos que simplesmente tentam dar o seu melhor, dando assim o exemplo.

Qualquer coisa, diga.

Beijinhos.

LIVROS

EM PORTUGUÊS

EM INGLÊS

EM ESPANHOL

EM FRANCÊS

EBOOKS

EM PORTUGUÊS

EM INGLÊS

ENSINO

ESCOLARES

AUXILIARES

UNIVERSITÁRIOS

INFANTIL

MATERIAL DIDÁTICO

Temas



Coleção

- Methods In Molecular Biology
- Lecture Notes In Computer Science
- Que Sais-Je ?
- Cambridge Library Collection - History
- Universitext

Preço

- Até 5 euros
- 5 a 10 euros
- 10 a 25 euros
- 25 a 50 euros
- Mais de 50 euros

Editor

- Nabu Press
- GENERAL BOOKS LLC
- BiblioLife
- BIBLIOLIFE, LLC
- UNKNOWN
- Gale ECCO, Print Editions
- Books LLC, Wiki Series
- Hephaestus Books
- BiblioBazaar, LLC
- Gale, U.S. Supreme Court Records
- BiblioGov
- AuthorHouse
- LIGHTNING SOURCE UK LTD
- KESSINGER PUBLISHING, LLC
- KESSINGER PUBLISHING CO
- HardPress Ltd
- TAYLOR & FRANCIS LTD
- RareBooksClub.com
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS
- Universe.com

Início > Livros > Livros em Português > Autoajuda > Esoterismo > Recados de um Anjo


Recados de um Anjo
Manuela Sousa

 Edição/reimpressão: 2014
 Páginas: 168
 Editor: Máquina de Escrever
 ISBN: 9789898633309

20%

P.V.P. €13,90

Cartão €2.78

Normalmente segue para o correio em 24 horas


 Tweet 0


 Partilhar 0

SINOPSE

COMENTÁRIOS

CARACTERÍSTICAS

 GUERDA POR ANJOS NO CÉU
 PARA SER O NOSSO ANJO NA TERRA

Desde cedo, Manuela percebeu que era diferente. Embora levasse uma vida comum, era dotada de poderes sobrenaturais e acompanhada por seres místicos, assim escolhida pelos céus para ajudar o próximo. Mas a quem muito foi dado, muito será cobrado, e Manuela passaria por grandes provações, desde a guerra colonial à violência doméstica.

Esta é a história de vida de uma mulher especial e inspiradora. Uma ponte com a providência divina que atua em discrição e generosidade, sofrendo por nós, como nós.

Não desdenhe a mão de quem lhe estende, pois os verdadeiros missionários do Senhor são tão humildes como Ela.

"Uma história real contada na primeira pessoa.

Um tipo de vida diferente da do comum mortal, uma vida criada pelos céus para ajudar o próximo, como exemplo de vida, na procura do bem e do amor pelos outros."

Anjo Gabriel

Recados de um Anjo de Manuela Sousa

Do mesmo autor


Programação em C++ - Algoritmos...
 Manuela Sousa

Veja outros títulos do tema


Acreditar, Rezar, Amar
 Maria Helena

Contacte o Seu Espírito-Guia
 Sylvia Browne

A Princesa Que Acreditava em...
 Mercia Grad

Ficha de produto

Preços, descontos e ofertas válidos apenas online

 | Condições gerais de venda | Compras 100% seguras | Política de Privacidade | Ajuda | Recrutamento |
 ©2013 Grupo Bertrand Circulo. Todos os direitos reservados, Lisboa, Portugal

The Men on My Couch

Brandy Engler with David Rensin

➡ AMAZON.COM ([link](#))

Anexo 10

Checklist de toda a informação disponível na loja *online* Amazon para alguns dos livros da Divina Comédia

Sinopse:

When Dr. Brandy Engler opened her sex therapy practice for women in Manhattan, she got a big surprise. Most of the calls were from men. They wanted to talk about womanizing, porn addiction, impotence, prostitutes—and most of all, love.

Her patients were everyday guys from all walks of life. Among them were David, the Wall Street hotshot and compulsive womanizer; Charles, an introvert who kept pushing away the fiancée he thought was too beautiful for him; Paul, the self-made man who visited massage parlors despite his sexy wife; and the men's group whose stark revelations about male anger and their search for the right woman will open your eyes. In *The Men on My Couch*, Dr. Engler allows readers inside those private sessions to witness her exciting and evocative encounters with what men desire and fear.

Dr. Engler tells her own story, too. At first her patients' revelations are painful and disconcerting, especially against the backdrop of her own difficult love affair. Yet Dr. Engler lets readers experience how she evolves both professionally and personally, from chagrin to compassion, and reconciles her idealized notions of love and sex with the unexpected and raw truths she hears in the office.

The Men on My Couch is unlike books you've read before. There are no tired facile conclusions or pejorative generalizations. Here are fresh insights into modern sexual maladies, gleaned from real people having real struggles and experiencing real epiphanies—in the real world.

This book will change how both women and men think about love, sex, and desire.

Biografia da autora:

Dr. Brandy Engler holds a doctorate in clinical psychology. She lives in Los Angeles, where she runs a private practice. She is happily married.

David Rensin is the New York Times bestselling author or coauthor of several books, including *The Mailroom*, *All for a Few Perfect Waves*, and *Devil at My Heels*. He lives in Ventura, California.

~~Abby Craden works in all aspects of voice over and can be heard in numerous commercials, animation, video games, and audiobooks. AudioFile~~

~~magazine has awarded her an Earphones Award as well as named her One of 2012's Best Voices. Abby is an award winning stage actress and a resident artist with the prestigious theaters A Noise Within and the Will Geer Theatrum Botanicum in Los Angeles. She also works in film and can be seen in the Emmy Award winning documentary Bloody Thursday. Abby hails from the East Coast and currently lives in Los Angeles.~~

Frases:

N/A

➞ AMAZON.FR ([link](#))

Sinopse:

(igual ao da Amazon.com)

Biografia da autora:

Dr. Brandy Engler holds a doctorate in clinical psychology. She lives in Los Angeles, where she runs a private practice. She is happily married.

Frases:

N/A

➞ AMAZON.CO.UK ([link](#))

Sinopse:

A young sex therapist opens her first office in New York, prepared to counsel women with low libido. To her surprise, all the visitors to her office are men, seeking to understand themselves. That is the beginning of an astonishing journey into the secret erotic minds of men. Dr Brandy Engler learnt how men feel about sex, desire and love. Set against the backdrop of her own fraught relationship, Dr. Engler began to understand the

contradictory impulses of her patients broadening her own notions on love. These real life struggles and epiphanies will grip.

Biografia da autora:

Dr. Brandy Engler holds a doctorate in clinical psychology. She lives in Los Angeles, where she runs a private practice. She is happily married.

David Rensin is the New York Times bestselling author and coauthor of fifteen books. He lives in Ventura, California.

Frases:

'Dr Brandy Engler was the cover story of The Times Magazine with a five page article discussing her work as a sex therapist in New York.' – ***Time Magazine***

'Psychologist reveals sordid sex secrets of NYC men' – ***Daily Mail***

'A tour of the grubbiest nooks of the male psyche.' – ***The Irish Examiner***

'A look at what men reveal in psychotherapy and what their behaviour really means.' – **Brandy Engler writes about concious sexuality on *The Huffington Post***

'A tour of the grubbiest nooks of the male psyche.' – ***The Irish Examiner***

➡ AMAZON.ES [\(link\)](#)

Sinopse:

N/A

Biografia da autora:

N/A

Frases:

N/A

Soplo de Esperanza para un Mundo Sofocado

Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco)

➡ AMAZON.COM ([link 1](#))

Sinopse:
N/A

Biografia do autor:
N/A

Frases:
N/A

➡ AMAZON.FR (N/A)

➡ AMAZON.ES ([link](#))

Sinopse:
N/A

Biografia do autor:
N/A

Frases:
N/A

➞ AMAZON.CO.UK (N/A)

Cinco Minutos para la Esperanza*

Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco)

* Nota: parece-me ser o mesmo livro que o anterior sob um título alternativo, pela descrição e pela capa.

➞ AMAZON.COM ([link](#))

Sinopse:

N/A

Biografia do autor:

N/A

Frases:

N/A

➞ AMAZON.FR ([link](#))

Sinopse:

N/A

Biografia do autor:

N/A

Frases:

N/A

➡ AMAZON.ES ([link](#))

Sinopse:

El presente libro es, sin duda, una contribución de calidad para conocer el pensamiento del Papa Francisco. Un instrumento elaborado en un estilo sencillo, popular, pedagógico, asequible a todos. Una selección de sus palabras que quiere ofrecer un pensamiento para cada día del año. 365 pequeñas píldoras de sabiduría del Papa Francisco que pretenden acompañar e iluminar el caminar cristiano. Cada día tiene un pequeño titular que marca la pauta y el libro, organizado en meses, contiene un índice temático al final del mismo de gran utilidad y ayuda para utilizarlo en diferentes ocasiones y circunstancias. "El Señor no se cansa de llamar: No temas... ¿No temas a qué? No temas a la Esperanza... porque la Esperanza no defrauda (Rm 5, 5)".

Biografia do autor:

N/A

Frases:

N/A

➡ AMAZON.CO.UK (N/A)

Fractured Times

Eric Hobsbawm

➞ AMAZON.COM ([link1](#) / [link 2](#) / [link 3](#))

Sinopse 1:

Born at the turn of the 20th century and raised in Vienna, Eric Hobsbawm, who was to become one of the most brilliant and original historians of our age, was uniquely placed to observe an era of titanic social and artistic change. As the century progressed the forces of Communism and Dadaism, Ibiza and cyberspace, would do battle with the bourgeois high culture fin-de-siècle Vienna represented - the opera, the Burgtheater, the museums of art and science, City Hall. In *Fractured Times* Hobsbawm unpicks a century of cultural fragmentation and dissolution with characteristic verve and vigour.

Hobsbawm examines the conditions that created the great cultural flowering of the belle époque and held the seeds of its disintegration, from paternalistic capitalism to globalisation and the arrival of a mass consumer society. Passionate but never sentimental, Hobsbawm ranges freely across his subject: he records the passing of the golden age of the 'free intellectual' and examines the lives of great, forgotten men; he analyses the relation between art and totalitarianism and dissects cultural phenomena as diverse as surrealism, women's emancipation and the American cowboy myth.

Written with consummate imagination and skill, *Fractured Times* is the last book from one of our greatest modern-day thinkers.

Sinopse 2 (fraseamento ligeiramente diferente):

Eric Hobsbawm, one of the most brilliant and original historians of our age, was born almost one hundred years ago and grew up in Vienna and Berlin. His early life placed him perfectly to observe the forthcoming era of titanic social and artistic change. As the twentieth century wore on, bourgeois fin de siècle culture was forcefully confronted by myriad new movements and ideologies, from communism and extreme nationalism to Dadaism to the emergence of information technology. In *Fractured Times*, Hobsbawm, with characteristic verve, unpicks a century of such fragmentation.

Hobsbawm examines the conditions that both created the flowering of the belle époque and held the seeds of its disintegration: paternalistic capitalism, globalization and the arrival of a mass consumer society. Passionate but never sentimental, he ranges freely across his subject:

records the passing of the golden age of the 'free intellectual' and explores the lives of forgotten greats; analyses the relationship between art and totalitarianism and dissects phenomena as diverse as surrealism, the emancipation of women and the American cowboy myth.

Written with consummate imagination and skill, *Fractured Times* is the last book from one of our greatest modern-day thinkers.

Biografia do autor:

Eric Hobsbawm was born in Alexandria in 1917 and educated in Austria, Germany and England. He taught at Birkbeck College, University of London, and then at the New School for Social Research in New York. In addition to *The Age of Revolution*, *The Age of Capital*, *The Age of Empire* and *The Age of Uncommon People*, and his memoir *Interesting Times*. Eric Hobsbawm died in 2012.

Frases:

"One of the few genuinely great historians of our century." – *The New Republic*

"Eric Hobsbawm surveys the writings of modern historians with the magisterial gaze of a man who has seen both the rise of Hitler and the fall of Communism." – *The New York Times Book Review*

➡ AMAZON.FR ([link](#))

Sinopse:

Fractured Times Born at the turn of the 20th century and raised in Vienna, Eric Hobsbawm, who was to become one of the most brilliant and original historians of our age, was uniquely placed to observe an era of titanic social and artistic change. As the century progressed the forces of Communism and Dadaism, Ibiza and cyberspace, would do battle with the bourgeois high culture fin-de-siecle Vienna represented - t... Full description*

*Não dá para clicar em "Full description". A informação está mesmo incompleta.

Biografia do autor:

N/A

Frases:

N/A

➞ AMAZON.CO.UK ([link 1](#) / [link 2](#) / [link 3](#))

Sinopse:

Born at the turn of the 20th century and raised in Vienna, Eric Hobsbawm, who was to become one of the most brilliant and original historians of our age, was uniquely placed to observe an era of titanic social and artistic change. As the century progressed the forces of Communism and Dadaism, Ibiza and cyberspace, would do battle with the bourgeois high culture fin-de-siècle Vienna represented - the opera, the Burgtheater, the museums of art and science, City Hall. In *Fractured Times* Hobsbawm unpicks a century of cultural fragmentation and dissolution with characteristic verve and vigour.

Hobsbawm examines the conditions that created the great cultural flowering of the belle époque and held the seeds of its disintegration, from paternalistic capitalism to globalisation and the arrival of a mass consumer society. Passionate but never sentimental, Hobsbawm ranges freely across his subject: he records the passing of the golden age of the 'free intellectual' and examines the lives of great, forgotten men; he analyses the relation between art and totalitarianism and dissects cultural phenomena as diverse as surrealism, women's emancipation and the American cowboy myth.

Written with consummate imagination and skill, *Fractured Times* is the last book from one of our greatest modern-day thinkers.

Sinopse 2 (fraseamento ligeiramente diferente):

Born almost a hundred years ago in Vienna - the cultural heart of a bourgeois Mitteleurope - Eric Hobsbawm, who was to become one of the most brilliant and original historians of our age, was uniquely placed to observe an era of titanic social and artistic change. As the century progressed, the forces of Communism and Dadaism, Ibiza and cyberspace, would do battle with the bourgeois high culture fin-de-siècle Vienna

represented - the opera, the Burgtheater, the museums of art and science, City Hall. In *Fractured Times* Hobsbawm unpicks a century of cultural fragmentation and dissolution with characteristic verve and vigour.

Hobsbawm examines the conditions that created the great cultural flowering of the belle époque and held the seeds of its disintegration, from paternalistic capitalism to globalisation and the arrival of a mass consumer society. Passionate but never sentimental, Hobsbawm ranges freely across his subject: he records the passing of the golden age of the 'free intellectual' and examines the lives of great, forgotten men; he analyses the relation between art and totalitarianism and dissects cultural phenomena as diverse as surrealism, women's emancipation and the American cowboy myth.

Written with consummate imagination and skill, *Fractured Times* is the last book from one of our greatest modern-day thinkers.

Biografia do autor:

N/A

Frases:

Arguably Britain's most respected historian of any kind, one of a tiny handful of historians of any era to enjoy genuine national and world renown . . . Both in his knowledge of detail and in his extraordinary powers of synthesis, he was unrivalled (*Guardian*)

One of the greatest British historians of his age . . . For sheer intellectual firepower and analytical skill, Hobsbawm remained unsurpassed (*Daily Telegraph*)

A magisterial historian of the modern age . . . Eric Hobsbawm pioneered the study of popular protest, riot and revolt, and his writings were as important to social scientists as to historians (*The Times*)

➞ AMAZON.ES ([link](#))

Sinopse:

"Este es un libro –nos dice Eric Hobsbawm- sobre lo que les sucedió al arte y a la cultura de la sociedad burguesa una vez esta sociedad desapareció, en la generación posterior a 1914". Su destrucción se

produjo como consecuencia de los efectos combinados de la revolución en la ciencia y la tecnología, del desarrollo de la sociedad de consumo y de la entrada de las masas en la escena política. Unas sociedades inmersas en la constante presencia de nueva información y de nueva producción cultural – de sonidos, imágenes, palabras y símbolos- han visto transformarse el modo de aprehender la realidad, pero también su concepción de la cultura, que estaba asociada a las convenciones que gobiernan la relaciones humanas. Este libro, el último que dejó escrito Hobsbawm, es una gran aportación a la historia de la cultura del siglo XX, como lo señala el profesor Richard Evans: “Leyendo este libro he aprendido una enorme cantidad de cosas que antes no sabía”. Pero es también una reflexión sobre un presente convulso, un tiempo de incertidumbre en que, nos dice Hobsbawm, miramos hacia adelante con perplejidad, sin guías que orienten nuestro camino hacia un futuro irreconocible.

Biografía do autor:

Eric J. Hobsbawm (1917-2012) está considerado uno de los grandes historiadores del siglo XX. Fue profesor emérito de Historia social y económica del Birkbeck College, en la Universidad de Londres. Entre sus numerosos libros debe destacarse, sobre todo, la serie formada por La era de la revolución, 1789-1848 (1997) La era del capital, 1848-1875 (1998), La era del imperio, 1875-1914 (1998) e Historia del siglo XX (1998). Sus últimas obras fueron Entrevista sobre el siglo XXI (2000), Años interesantes. Una vida en el siglo XX (2003), Guerra y paz en el siglo XXI (2007) y Cómo cambiar el mundo (2011), todas ellas publicadas por Crítica.

Frases:

N/A

Assunto: RE: Livros indisponíveis na Fnac
De: Joao Carvalho <(omitido)>
Data: 29/11/13, 16:03
Para: "(omitido)" <(omitido)>

Obrigado, Claudia.

Estou a tratar, não está a ser fácil

Atentamente,

João P. Carvalho

BABEL DIVINA COMÉDIA

rua da conceição da glória, 75

1250-080 lisboa - portugal

tlm: [00 351] (omitido)

joao@divinacomedia.pt

www.divinacomedia.pt

www.facebook.com/divinacomediaeditores

Enviado do meu Windows Phone

De: [\(omitido\)](#)
Enviado: 29/11/2013 15:52
Para: [Joao Carvalho](#)
Assunto: Livros indisponíveis na Fnac

Anexo 11

Mensagem de *e-mail* a João Carvalho a avisar da ausência continuada de vários livros da Divina Comédia no *site* da Fnac, embora houvesse *stock* nas lojas físicas

Olá João! É a Cláudia, a estagiária. Acabei de verificar o site da Fnac e continuam a haver [vários títulos indisponíveis](#). Caso não te recordes, são:

- [Amo Como o Amor Ama](#)
- [Se Não Podes Juntar-te a Eles, Vence-os](#)
- [Bordel Português](#)
- [Trans Iberic Love](#)
- [O Eléctrico 16](#)
- [Mudanças](#)
- [O Cavaleiro da Águia](#)
- [Espelho Fraternal](#)
- [Cartas Portuguesas](#)

Cumprimentos.

Assunto: Perfil falso de Facebook da Divina Comédia

De: "(omitido)" <(omitido)>

Data: 06/11/13, 21:58

Para: Paula Caetano <(omitido)>

Olá Paula.

Ouvi a história do perfil de Facebook falso da Divina Comédia, e recordei que no dia 25 de Outubro apanhei um comentário ordinário com uma imagem pornô anexada numa das publicações do Facebook verdadeiro da editora, que imediatamente denunciei. O próprio autor eliminou-o antes de ser revisto pelo Facebook. O endereço do perfil dele é o seguinte: [https://www.facebook.com/\(omitido\)](https://www.facebook.com/(omitido)) Claramente se trata de um perfil falso, visto que foi criado no próprio dia e nunca mais actualizado, mas talvez ajude a averiguar a identidade do sujeito mediante análise do próprio Facebook (descobrimo o endereço IP ou assim), se estiverem interessados nisso.

Cumprimentos.

Anexo 12

Mensagem de *e-mail* a Paula Caetano a avisar de vandalismo na página oficial de Facebook da Divina Comédia